

## 4

### O Diminutivo no Corpus

Nesse capítulo, apresentaremos as características do nosso corpus, observaremos como ele corresponde aos critérios estabelecidos pela Lingüística de Corpus apresentados no capítulo 3, introduziremos o programa usado para a extração e manipulação dos dados, apresentaremos as variáveis pragmáticas e instrumentos metodológicos usados para a análise das ocorrências, e, por final, efetuaremos a análise de corpus propriamente dita.

#### 4.1

##### Características do nosso corpus

O corpus usado nesta pesquisa é um corpus oral informatizado consistindo de 653 922 palavras na forma de diálogos do português brasileiro atual, distribuídas em três diferentes gêneros discursivos e apresentando várias situações comunicativas. O corpus escolhido para a pesquisa é uma parte de um corpus maior que está sendo desenvolvido na PUC-Rio, dentro do projeto intitulado “Compilação de um corpus representativo do Português do Brasil e análise multidimensional da variação entre gêneros discursivos” (CORPOBRAS PUC-Rio), sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Lúcia Pacheco de Oliveira. Na fase atual da compilação, o corpus CORPOBRAS, que visa a ser um corpus representativo do português do Brasil, totaliza 1.101.457 palavras, distribuídas em 1.326 textos<sup>1</sup>. O corpus é composto por 27 gêneros discursivos, distribuídos em 20 gêneros do discurso escrito, 5 gêneros do discurso oral, e 2 gêneros do discurso escrito para ser falado .

O corpus CORPOBRAS foi gentilmente cedido para o nosso uso. Para os fins da nossa pesquisa, aproveitamos a parte oral do corpus CORPOBRAS quase na sua totalidade: os três gêneros discursivos escolhidos para a nossa pesquisa representam 83,5 % da parte oral do CORPOBRAS, que totaliza 783 204 palavras<sup>2</sup>. O nosso corpus compreende todos os textos pertencentes aos seguintes três gêneros discursivos:

---

<sup>1</sup> Em agosto de 2008, conforme Valério, 2008.

<sup>2</sup> Apenas a parte do corpus oral consistindo de entrevistas acadêmicas não foi incluída na análise.

1. Conversas cariocas
2. Conversas no serviço de atendimento
3. Conversas com crianças

O arquivo “Conversas cariocas” consiste de 53 gravações de conversas face a face entre falantes adultos (idade variando entre 25 e 66 anos) moradores do Rio de Janeiro, 28 homens e 25 mulheres, de classe média, sobre os seguintes temas: alimentação, casa, cidade e comércio, corpo humano, família, transportes e viagens, vida social e diversões. Este arquivo totaliza 353 678 palavras, distribuídas em 53 textos. As gravações foram feitas nos anos 1971-1977 e consistem de dados originalmente coletados pelo Projeto NURC<sup>3</sup>.

O arquivo “Conversas no serviço de atendimento” consiste de 393 gravações de conversas no telefone entre clientes e trabalhadores no serviço de atendimento. São 42 atendentes diferentes, 12 homens e 30 mulheres, e, como são 393 gravações, o número de informantes se aproxima desse número<sup>4</sup>. Como se trata de conversas no telefone, em um *call-center* nacional, não é possível controlar as variáveis relativas aos informantes (como gênero, idade, classe social, região, etc.). No entanto, dado o número elevado dos textos, supõe-se uma grande variedade de diferentes tipos de informantes, aumentando, desta maneira, a representatividade da amostra. Este arquivo totaliza 215 671 palavras, distribuídas em 393 textos. Deste total, 74 372 palavras e 141 textos consistem de gravações de conversas de atendimento de uma companhia de gás, e 141 299 palavras e 252 textos consistem de gravações de conversas de atendimento de uma companhia de plano de saúde. Todas as gravações foram feitas nos anos 1999-2002, e consistem

---

<sup>3</sup> O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC) foi criado em 1969 com o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. O acervo do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), consiste de entrevistas gravadas, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. O material é também publicado em três volumes: os dados usados nessa pesquisa remetem ao volume 2 (Callou & Lopes, 1993). Para mais informações, ver: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>

<sup>4</sup> É claro que é possível que haja vários telefonemas do mesmo cliente, por isso o número dos informantes pode ser menor que esse total de 393 conversas.

de dados originalmente coletados para os fins de dois projetos de pesquisa desenvolvidos na Universidade PUC-Rio<sup>5</sup>.

O arquivo “Conversas com crianças” consiste de gravações de conversas face a face entre os pais com os seus filhos. As conversas ocorrem entre duas crianças de sexo feminino, identificadas como ENY e JES, com a idade entre 1,5 e 2,5 anos na época das gravações, e com as suas mães, os seus pais e os seus avós. Nesse arquivo, apenas a fala dos adultos foi analisada, dada a idade baixa das crianças e o fato de aspectos relativos à aquisição da linguagem não fazerem parte do objeto da nossa pesquisa. As principais informantes desse arquivo são, desta maneira, as mães das duas crianças, ou seja, duas mulheres de classe média / baixa, moradores do Rio de Janeiro, com a idade entre 25 e 35 anos. Alguns trechos da fala dos pais e avós também ocorrem nas gravações. Este arquivo totaliza 84 573 palavras, distribuídas em 94 textos. As gravações foram feitas nos anos 2003-2004 e são referentes a um projeto de pesquisa originariamente desenvolvido na Universidade PUC-Rio<sup>6</sup>.

Observa-se que há bastantes diferenças entre as configurações gerais assim como nas características dos informantes nos três sub-corpora. Essa situação é intencional: dado que a nossa pesquisa tem como objeto o potencial de significação e utilização do diminutivo em geral e não as variações sociolingüísticas geográficas, sociais ou outras no seu uso, o que interessa do ponto de vista contextual são as condições gerais dos atos de comunicação: o tipo de ato de fala, se a relação dos interlocutores é hierárquica ou não, se o cenário é profissional ou familiar, e assim por diante. Sendo dividida em três sub-partes, o corpus apresenta vários tipos de relações entre os participantes, cenários tanto profissionais como familiares, e uma variedade de atos de fala diferentes,

---

<sup>5</sup> Os dados são derivados dos dois seguintes projetos de pesquisa: “A polidez em interações de serviço de atendimento telefônico” e “Alta tecnologia e trabalho: um estudo da interação atendente – cliente em uma central de atendimento telefônico”. Ambos os projetos foram financiados pelo CNPq e coordenados pela Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Leite de Oliveira, no Departamento de Letras da Universidade PUC-Rio.

<sup>6</sup> Os dados são derivados do projeto de pesquisa “Categorias funcionais na integração processador-gramática: pessoa e referência no processamento e na aquisição da linguagem”, financiado pelo CNPq e coordenado pela Prof<sup>a</sup> Letícia Maria Sicuro Corrêa no Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL) do Departamento de Letras da Universidade PUC-Rio. Para maiores informações sobre os detalhes da coleta longitudinal do material, ver a tese de doutorado de Lia de Oliveira Martins (2007) “O Traço de Pessoa na Aquisição Normal e Deficitária do Português Brasileiro”, desenvolvida no âmbito desse projeto.

umentando, desta maneira, a possibilidade de ocorrência de diferentes empregos do diminutivo no corpus.

Na extração das ocorrências de formações diminutivas para a análise, apenas as formações a partir de bases substantivas foram consideradas. Esta limitação categorial se justifica devido ao nosso objetivo de contrastar os usos do diminutivo sinalizando noções ligadas ao tamanho com os usos de ordem pragmática. Como vimos nos capítulos anteriores, é possível, embora em diferentes escalas de probabilidade, formar diminutivos a partir de praticamente todas as categorias lexicais. No entanto, a possibilidade de uma formação diminutiva apresentar noções ligadas ao tamanho é limitada sobretudo às bases nominais. Uma vez que o valor semântico de diminuição dimensional, defendido por muitos como o mais essencial, é possível apenas em formações cuja palavra base é um substantivo, de preferência ainda denotando entidades concretas, escolhemos nos concentrar apenas nessas formações para podermos ilustrar com mais ênfase a ocorrência real desse valor no uso que os falantes fazem do diminutivo no seu dia-a-dia. Se tivéssemos incluído na análise, por exemplo, formações adverbiais e adjetivais, a quantidade das ocorrências apresentando valores de intensificação, características para essas categorias lexicais, ia dificultar a percepção da relação entre os usos ligados à dimensão e os usos avaliativos e estratégicos. O mesmo acontece com os prenomes, numerais, interjeições, etc.: dado que a interpretação dessas formações como veiculando noções dimensionais não é possível, decidimos sistematicamente excluir todas essas categorias da nossa análise, e concentrar-nos exclusivamente nas formações nas quais uma interpretação do tipo “pequeno X” seria pelo menos teoricamente possível.

Adicionalmente, o substantivo é considerado como a base prototípica para a adição do sufixo diminutivo. O alvo (*landing-site*) da aplicação da regra de formação de diminutivos depende da disponibilidade de bases possíveis no ato de fala em questão. Teoricamente, o sufixo diminutivo pode ser acrescentado a qualquer uma das bases morfológica ou semanticamente possíveis. Na prática, apenas uma base é normalmente escolhida, e essa escolha depende das limitações morfológicas e lexicais específicas da cada língua. Nieuwenhuis (1985, p.223, *apud* Dressler & Merlini Barbaresi, 1994, p.131), formula a seguinte hierarquia aparentemente universal para as bases possíveis para a diminutivização: substantivo > adjetivo > verbo > numeral > interjeição > pronome > preposição >

demonstrativo. Como sabemos, em português, uma variedade de bases é possível, mas uma hierarquia parecida pode ser percebida: nomes e adjetivos passam pela diminutivização com muito mais probabilidade do que os verbos, e assim por diante. Dada a posição como a base mais prototípica da aplicação da regra de formação de diminutivos, a escolha do substantivo como o objeto de estudo na pesquisa se torna inevitável.

Quanto à atualidade do material, observa-se que os arquivos “Conversas no serviço de atendimento” e “Conversas com crianças” são bastante recentes, com todas as gravações efetuadas entre os anos 1999 e 2004, enquanto as entrevistas do arquivo “Conversas cariocas” datam de uma época mais distante, da década 1970. No entanto, acreditamos que essa “discrepância temporal” entre os arquivos analisados não afeta os resultados da nossa pesquisa. É claro que em condições ideais, todos os arquivos datariam da mesma época. No entanto, na prática das pesquisas lingüísticas, condições ideais raramente são encontradas. Como se sabe, apesar das vantagens patentes que a Lingüística de Corpus traz para a pesquisa empírica dos aspectos da linguagem, no âmbito desse campo de pesquisa encontram-se também dificuldades. E a maior delas é, sem dúvida, a disponibilidade dos corpora representativos e informatizados, sobretudo quando se trata de corpora orais. A compilação de tais corpora é um processo extremamente demorado, e, geralmente, os corpora são de acesso restrito. Nesse contexto, temos plena consciência da nossa posição privilegiada por ter acesso ao material do projeto CORPOBRAS, e, quando colocamos na balança a representatividade desse corpus por um lado, e a questão de discrepância temporal entre as gravações dos arquivos selecionados por outro lado, chegamos à conclusão que esta última é de relevância menor. Isso poderia até ser uma questão mais relevante se o nosso trabalho envolvesse questões como a frequência de certas palavras em diferentes gêneros discursivos, ou a probabilidade de ocorrência de uma determinada palavra na língua portuguesa. No entanto, dado que se trata de uma pesquisa com o objetivo de observar para que tipo de usos o diminutivo *-inho* é usado, julgamos a diferença entre as datas de gravação dos arquivos de menor relevância.

Esse ponto nos leva para outros aspectos relativos à representatividade e adequação do corpus selecionado para a nossa pesquisa. No capítulo 3 vimos que um corpus deve ser criteriosamente compilado para a credibilidade e sucesso de

uma pesquisa que se baseia nele (ou que é dirigida por ele, cf. capítulo 3.2.1.1.). Podemos ver que o nosso corpus corresponde aos critérios colocados por Berber Sardinha (2000, p.338) em todos os seis aspectos estabelecidos pelo autor:

- (a) A origem → Os dados do nosso corpus são autênticos.
- (b) O propósito → O nosso corpus tem a finalidade de ser um objeto de estudo lingüístico.
- (c) A composição → O conteúdo do nosso corpus é criteriosamente escolhido.
- (d) A formação → Os dados do nosso corpus são legíveis por computador.
- (e) A representatividade → O nosso corpus pode ser considerado representativo para a sua finalidade.
- (f) A extensão → O nosso corpus é suficientemente vasto para ser representativo.

Cabem, ainda, algumas observações adicionais sobre os critérios. Berber Sardinha ressalta o seguinte:

“Os princípios da escolha dos textos devem seguir, acima de tudo, as condições de naturalidade e autenticidade. Mas devem também obedecer a um conjunto de regras estabelecidas pelos seus criadores de modo que o corpus coletado corresponda às características que se deseja dele. Ou seja, o conteúdo do corpus deve ser selecionado a fim de garantir que o corpus tenha uma certa característica.”

(Berber Sardinha, 2000, p.339)

No nosso corpus, três gêneros discursivos diferentes foram escolhidos para garantir a ocorrência de uma variedade de atos de fala<sup>7</sup> e de situações de fala. Desta maneira, pode-se esperar que a característica desejada, ou seja, a ocorrência do diminutivo em situações variadas, fique suficientemente amplamente representada. O arquivo “Conversas cariocas” consiste de conversas gerais sobre uma variedade de temas, apresentando sobretudo discurso descritivo na forma de longas seqüências narrativas. Os atos de fala assertivos são os mais típicos para

---

<sup>7</sup> No âmbito desse trabalho, adotamos inicialmente a divisão clássica de atos de fala em assertivos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos (Searle, 1979). No entanto, o conceito de ato de fala servirá apenas como um instrumento inicial de análise, como será explicitado mais adiante nesse capítulo.

este arquivo, havendo, também, bastante ocorrências de expressivos, e, dado que se trata de entrevista, há também ocorrências de diretivos. Já o arquivo “Conversas no serviço de atendimento” consiste de diálogos curtos, apresentando sobretudo situações comunicativas hierarquizadas, frutíferas ao uso de estratégias interacionais entre os interlocutores. Sendo assim, o arquivo apresenta uma elevada ocorrência de atos de fala diretivos e comissivos. Por último, o arquivo “Conversas com crianças” consiste de conversas entre os pais com os seus filhos, se apresentando como um campo especialmente frutífero para a ocorrência do *diminutivum puerile*. Os atos de fala mais típicos desse arquivo são os expressivos e diretivos.

Quanto ao requisito de origem, Berber Sardinha (2000, p.339) observa que “quando se fala em autenticidade dos textos, subentende-se textos escritos por falantes nativos”. No caso do nosso corpus, todos os textos<sup>8</sup> são produzidos por falantes nativos do português do Brasil<sup>9</sup>. Autores como Evans & Green (2006, p.13), em relação à Linguística Cognitiva, afirmam que é justamente a linguagem ordinária, falada por pessoas ordinárias, que deve constituir o material (*raw data*) para construir teorias lingüísticas. Podemos ver que o nosso corpus corresponde amplamente a esses requisitos: trata-se de linguagem natural produzida por falantes nativos em situações autênticas.

Cabe, no entanto, uma observação sobre a origem e a autenticidade dos dados no sub-corpus “Conversas cariocas”, derivados do projeto NURC. Os dados de NURC foram originalmente coletados com o objetivo específico de construir o corpus NURC. Os temas foram selecionados de antemão, assim como as cinco capitais escolhidas para o registro dos dados, etc. No entanto, a utilização que se fez desses dados no âmbito dessa pesquisa foi autêntica. Na época do planejamento do corpus NURC, ninguém pensou que os dados do projeto viriam a ser utilizados especificamente para uma pesquisa sobre o diminutivo. Desta maneira, para os fins dessa pesquisa, os dados do arquivo “Conversas cariocas” funcionam como um corpus autêntico. Os dados dos outros dois arquivos foram registrados em situações autênticas de comunicação, sem planejamento prévio, não havendo, desta maneira, dúvidas sobre a sua autenticidade.

---

<sup>8</sup> O termo *texto* é aqui usado para referir tanto a textos orais como escritos.

<sup>9</sup> Eventualmente, no arquivo “Conversas no serviço de atendimento”, podem ocorrer ligações de clientes não-nativos em português. No entanto, não foram detectados índices de fala não-nativa na análise dos dados, o que nos levou a considerar os informantes virtualmente nativos.

Há autores que defendem que para representar a fala natural, um corpus não deveria consistir de entrevistas, ou ter tópicos pré-estabelecidos. Segundo Schegloff (1993) a linguagem natural deve ser distinguida de, por exemplo, entrevistas, reuniões e procedimentos jurídicos, simplesmente devido ao fato de os participantes se comportarem e interpretarem o comportamento dos seus interlocutores de maneira diferente nessas situações. A fala espontânea se diferencia do discurso planejado em vários aspectos. No curso da conversa natural, hesitações, repetições e sentenças incompletas são recorrentes, dado que são características para o discurso sendo construído ao tempo real. Kerbrat-Orecchioni (1990) observa que a conversa natural apresenta caráter não formal, ou seja, é familiar, espontânea, improvisada. As conversas verdadeiramente naturais se consistem da fala casual em configurações quotidianas nas quais nada é estabelecido de antemão (p.ex. o tópico, a duração etc.) e nas quais há igualdade hierárquica entre os participantes. No nosso corpus, as conversas do arquivo “Conversas cariocas” consistem de entrevistas, e, logo, apresentam tópicos pré-estabelecidos. Nos outros dois arquivos isso não acontece, porém, é claro que nas gravações de serviço de atendimento, os tópicos de diálogos são bastante restritos. Nos dois arquivos, a relação entre os interlocutores é bastante formal, dado que são desconhecidos. Também, os três arquivos apresentam diferenças hierárquicas entre os interlocutores. No entanto, para os fins da nossa pesquisa, essas situações na verdade são desejáveis, dado que provocam estratégias de trabalho de face, aumentando a chance de termos material representativo para a observação de usos estratégicos do diminutivo. Dadas as diferenças entre os três sub-corpora do nosso corpus, uma diversidade de situações comunicativas é garantida, contribuindo, desta maneira, para a maior representatividade do material. Uma parte do corpus consiste de entrevistas, outra de pedidos de informações e de respostas a eles, e a última de conversas espontâneas entre adultos e crianças em ambientes extremamente informais e íntimos. Virtualmente todos os informantes são falantes nativos do português e a comunicação se dá em situações verdadeiras. Desta maneira, acreditamos que o nosso corpus reflita de maneira bastante fiel o português do Brasil usado por falantes nativos em variadas situações autênticas no seu dia-a-dia.

Voltando ainda à questão de representatividade, podemos ver que o nosso corpus corresponde, e até ultrapassa as exigências colocadas no capítulo 3. Na

escala apresentada por Berber Sardinha (2000, p.346), o corpus CORPOBRAS seria considerado como “médio-grande”, dado que consiste de mais de um milhão de palavras. Na mesma tabela, o corpus extraído para os fins específicos da nossa pesquisa seria considerado de tamanho médio. Nesse contexto é importante lembrar que o objetivo da nossa pesquisa não é “fazer Lingüística de Corpus”, mas de utilizar análise de corpus como uma abordagem metodológica para chegar a conclusões sobre uma proposição descritiva com conseqüências teóricas. Ou seja, sendo que o nosso corpus seria considerado de tamanho médio até para a Lingüística de Corpus “propriamente dita”, podemos ver que, para um corpus de verificação de uma hipótese descritiva, trata-se de um corpus de tamanho respeitável.

No final do trabalho, amostras do corpus são fornecidas em forma de apêndice. Apêndice 1 apresenta telas de listas de concordância geradas pelo programa *WordSmith Tools*: uma página para formas masculinas e uma página para formas femininas do diminutivo em cada arquivo. Apêndice 2 apresenta amostras do corpus na sua forma original. Para criar uma amostra aleatória dos dados do corpus, o apêndice 2 foi compilado da seguinte maneira: O número de páginas de cada um dos três arquivos foi dividido por cinco, e as duas primeiras páginas de cada um desses cinco blocos foram escolhidas para serem reproduzidas no apêndice. Esse sistema foi adotado para garantir uma amostra equilibrada do corpus, dado que os três arquivos são de tamanhos diferentes (“Conversas cariocas” com 983 páginas, “Conversas no serviço de atendimento” com 829 páginas e “Conversas com crianças” com 292 páginas). Também, dado que o arquivo “Conversas cariocas” contém longas seqüências de narração, a corte de vários trechos curtos foi considerada uma estratégia adequada para garantir a variedade dos temas e informantes nos trechos reproduzidos no apêndice.

## 4.2

### O programa *WordSmith Tools*

O programa *WordSmith Tools*, desenvolvido por Mike Scott na Universidade de Oxford, foi usado para a extração e manipulação das ocorrências no corpus. Entre as ferramentas computacionais para o uso das pesquisas lingüísticas, *WordSmith Tools* se destaca como um programa bastante poderoso e

com um grande número de recursos para a análise de diversos aspectos da linguagem. Apesar de poderoso, o programa é desenhado de forma que permite rápida aprendizagem e fácil manuseio.

O programa *WordSmith Tools* já se encontra na sua quinta edição. A versão usada nesta pesquisa é a terceira, a qual apresenta todas as funções e ferramentas necessárias para a efetuação da nossa pesquisa. As três principais funções do programa são *WordList*, *Keywords* e *Concord*. A ferramenta *WordList* lista todas as palavras diferentes que ocorrem no corpus, servindo, por exemplo, para o cálculo da frequência de uma determinada forma no corpus. A ferramenta *Keywords* pode ser usada para a comparação de dois corpora distintos, com o objetivo de identificar as formas características para cada um dos corpora. Enquanto essas duas primeiras ferramentas fornecem informações sobretudo de natureza quantitativa, a terceira permite operações também de natureza qualitativa: a ferramenta *Concord*, ou “concordanciador”, possibilita a geração de listas de concordância, ou seja, listas que apresentam todas as ocorrências de uma dada forma em um corpus, acompanhadas de uma pequena quantidade de contexto (max. cinco palavras antes e depois da forma listada). Essas linhas são conhecidas como KWIC, ou seja, *Key Word in Context*. A geração dessas listas se faz através de uma palavra de busca, esta podendo conter até 80 caracteres. Na tela dos resultados da geração das listas de concordância, a palavra de busca se apresenta no meio, sinalizada com uma cor diferente do resto da frase, para facilitar a identificação de padrões que interessam ao pesquisador.

É justamente dessa terceira ferramenta que fizemos uso na nossa pesquisa. Além de palavras inteiras, o concordanciador possibilita também a busca por afixos: um asterisco depois de um prefixo ou frente a um sufixo representa qualquer base. Desta forma, foi possível efetuar buscas de todas as formas diminutivas criadas com o sufixo *-inho*. Dado que o nosso objetivo foi extrair todas as formações diminutivas, tanto nas suas formas femininas e masculinas, efetuamos duas buscas separadas em cada um dos três arquivos, com as seguintes palavras de busca: *\*inho*, *\*inha*. Como deixamos em aberto o término da palavra (em vez de cortá-lo com um segundo asterisco), tanto as formas singulares como plurais apareceram na mesma busca. Também não foi necessário efetuar buscas separadas para as ocorrências em *-zinho*, dado que o asterisco antes de *-inho* faz com que as formações em *-zinho* sejam automaticamente incluídas na busca.

Depois de uma busca inicial, foi necessário analisar cuidadosamente as listas geradas, com o objetivo de excluir todas as ocorrências que se assemelham às formações diminutivas pela sua forma, mas que não são resultados desse processo de formação de palavras, como é o caso das palavras *vinho*, *linha*, *vizinho*, *cozinha*, por exemplo. Nessa tarefa de “limpeza” das listas, também as formações consideradas como pertencendo ao processo de denominação de entidades foram excluídas, assim como as formações diminutivas a partir de categorias lexicais que não constituem o objeto do nosso estudo (ver os capítulos 4.1. e 4.3. para os critérios de seleção).

A ferramenta *Concord* apresenta a possibilidade de ampliação das linhas de observação na tela dos resultados além das linhas KWIC: em vez das cinco palavras de cotexto antes e depois da palavra de busca, é possível optar pela observação de um cotexto maior, este podendo chegar até em várias frases antes e depois da palavra da busca. No entanto, na prática da nossa análise, rapidamente percebemos que nem mesmo essa possibilidade de observação de um cotexto maior foi suficiente para a análise dos nossos dados: percebemos que é necessária a observação do contexto maior, ou seja, das informações sobre os elementos da situação de fala, fornecidas pelo texto inteiro em questão, para que seja possível entender quem está falando com quem, com qual finalidade, em quais circunstâncias, etc. Por isso, para a nossa análise dos dados, foi necessário trabalhar tanto com o programa *WordSmith Tools* como com os arquivos originais no formato .DOC, manipulados com o programa Word<sup>10</sup>. Desta maneira, apesar de extremamente útil para a rápida e eficiente extração dos dados a partir de arquivos de textos muito grandes, o programa *WordSmith Tools* serviu apenas como ponto de partida para a análise propriamente dita: foi necessário um trabalho de meses de leitura e análise das ocorrências nos seus contextos de textos inteiros para que pudéssemos chegar às conclusões apresentadas nos capítulos 4 e 5. Desta maneira, devemos lembrar novamente do fato de que os recursos computacionais são de extrema eficiência e apoio em pesquisas linguísticas, mas nada pode substituir o precioso trabalho manual do pesquisador.

---

<sup>10</sup> Os textos pesquisados pelo programa *WordSmith Tools* devem estar em formato digital, de preferência no formato .TXT. No entanto, possuímos também uma versão em .DOC de cada um dos três arquivos analisados, o que possibilitou o seu manuseio tanto pelo programa Word como pelo programa *WordSmith Tools*.

Na próxima seção, apresentaremos alguns instrumentos metodológicos e variáveis pragmáticas que se apresentaram necessários para a análise das ocorrências do nosso corpus.

### 4.3

#### **Análise e interpretação dos dados**

Nesse capítulo, apresentamos exemplos e resultados da análise dos dados do nosso corpus. Dado que foram levados em consideração exclusivamente diminutivos formados a partir de substantivos, não podemos tirar conclusões de ordem quantitativa sobre a frequência do diminutivo no corpus em termos gerais. A única observação que podemos fazer é sobre a quantidade das formações a partir de substantivos, que totalizou 1 538 ocorrências em um corpus de 653 922 palavras. A distribuição dessas ocorrências nos três arquivos estudados se deu da seguinte maneira:

**Conversas cariocas:** 525 ocorrências em um sub-corpus de 353 678 palavras (correspondendo à relação de 1,5 ocorrências por cada mil palavras)

**Conversas no serviço de atendimento:** 326 ocorrências em um sub-corpus de 215 671 palavras (correspondendo à relação de 1,5 ocorrências por cada mil palavras)

**Conversas com crianças:** 687 ocorrências em um sub-corpus de 84 573 palavras (correspondendo à relação de 8,1 ocorrências por cada mil palavras)

Observe-se que a análise dos dados foi feita a partir de um cálculo das **ocorrências** (*tokens*) e não de **tipos** (*types*) no arquivo. Em Lingüística de Corpus, o primeiro termo se refere à ocorrência de cada item lexical em um corpus, e o segundo à frequência de um determinado padrão na língua. Dadas as diferenças entre os três sub-corpora, a única possibilidade de cálculo se deu em termos de ocorrências. Além disso, dado que uma única palavra pode assumir sentidos e empregos diferentes, dependendo do contexto, uma análise em termos de tipos não seria adequada para a nossa pesquisa. Por exemplo, formações como *coisinha*, *casinha*, *cidadezinha* podem veicular a idéia de tamanho reduzido em determinados contextos, e valores avaliativos como afetividade, desprezo, etc., em outros.

Observe-se, ainda, que nos três arquivos houve um número de ocorrências ininteligíveis que tivemos que excluir da análise. Por exemplo:

*MÃE: Qué o quê ?*

*JES : Ólio , óleo .*

*MÃE : Toma , tá bom o **rolinho**.*

*JES : Tal .*

*MÃE : Macarrão .*

*MÃE : E Jéssica vai tomar banho , fala .*

*JÉS : Ah !*

*MÃE : De quem é ?*

*JÉS: Baby .*

*MÃE : Pronto. Olá a Baby deu um beijo no **trevinho** .*

*JÉS: Dá outro mamãe com o dedo. Dá outro .*

Nesses casos, o contexto não fornece pistas suficientes para a interpretação das ocorrências, e é impossível até decifrar qual é o referente das palavras *rolinho* e *trevinho*: *rolinho* é uma comida? Que tipo? *Trevinho* é um trevo de verdade? Um brinquedo? Uma imagem? Dada a impossibilidade de análise, esses casos tinham que ser excluídos.

Além das ocorrências ininteligíveis, foram excluídos da análise também os nomes próprios referindo às pessoas<sup>11</sup>, as expressões idiomáticas (p.ex. *tirar casquinha*, *lelezinho da cuca*), os itens lexicalizados (p.ex. *bondinho*, *calcinha*) e os itens que são resultados do processo de nomeação de entidades (p.ex. *chumbinho* no sentido de um tipo de feijão, *Maracanãzinho*). Assim, foram incluídas na análise apenas as formações que poderiam ser substituídas pela palavra base naquela mesma situação de enunciação. A hipótese é a de que, por algum motivo, o falante opta por uma forma diminutiva em vez da forma básica, e a nossa tarefa foi analisar se esta serviu à função de veicular a idéia de dimensões reduzidas da entidade referida ou a uma outra função, de ordem pragmática.

Nas páginas que seguem, ilustraremos a relação dos empregos diferentes que o diminutivo *-inho* apresentou no nosso corpus. A decisão entre as

<sup>11</sup> Os nomes próprios referindo às pessoas foram excluídos dado que na maioria dos casos o corpus não forneceu evidência suficiente para a decisão sobre se uma determinada forma em diminutivo apresentava um uso espontâneo de um nome ou se se tratava de um apelido consolidado. O corpus apresentou casos, por exemplo, de *Mariquinha*, *Pedrinho*, etc., mas, dado que nem sempre apresentou ocorrências dos mesmos nomes na sua forma base, decidimos pela exclusão sistemática dos nomes de pessoas da análise. No entanto, nomes de lugares como *Vila Isabelzinho* ou *Chinazinha* foram incluídos na análise.

possibilidades de interpretação das ocorrências foi dificultada pelo fato de o diminutivo poder apresentar, ao mesmo tempo, vários sentidos sobrepostos. Na verdade, até nos casos apresentando a idéia de diminuição real em alguma dimensão, esta noção vem muitas vezes acompanhada por sentidos de ordem avaliativa. Na prática da análise, não importa quão meticulosamente estudados os fatores contextuais e cotextuais, muitas vezes é extremamente difícil distinguir qual é o sentido ou função de uma determinada formação. No entanto, para os fins de verificação da nossa hipótese sobre a maior relevância da dimensão discursivo-pragmática do diminutivo, procurávamos distinguir as ocorrências nas quais a forma diminutiva estava sendo usada exclusivamente para indicar a redução de dimensão daquelas ocorrências nas quais o diminutivo está sendo usado para servir outras funções, com ou sem a idéia de pequenez envolvida. Dado que era de esperar que em vários casos os diferentes valores coincidisse, procurávamos identificar o valor que *predominava* numa dada situação de comunicação. Desta maneira, na escolha entre um ou outro pólo no continuum semântica – pragmática (cf. capítulo 3.1.1), as ocorrências foram distribuídas nos pólos segundo a seguinte lógica: Quando a formação apresenta exclusivamente a noção de pequenez, esta fica claramente no pólo “semântico”. Quando a formação apresenta noções de avaliação ou funções estratégicas, sem apresentar noções ligadas ao tamanho, esta fica no pólo “pragmático”. Entre os dois pólos, temos um grande número de casos que apresentam ao mesmo tempo os dois tipos de noções. Nesses casos, observaremos as pistas contextuais e cotextuais para decidir qual das funções sobrepostas prevalece na situação de enunciação em questão, e atribuímos a formação ao pólo correspondente.

Vale salientar, ainda, que sendo o objetivo da nossa análise desvendar a abrangência da dimensão pragmática e discursiva do diminutivo, e, dada a sua natureza de apresentar sentidos sobrepostos, a existência de uma idéia dimensional no contexto de uma estratégia interacional não diminui a relevância discursiva desse caso. Observe-se que o nosso objetivo não é negar a capacidade do diminutivo apresentar noções ligadas à idéia de tamanho, mas de desafiar a concepção desse recurso morfológico como apresentando *primariamente* essas noções, nos custos das outras interpretações possíveis.

Nas páginas que seguem, apresentaremos exemplos de cada um dos três arquivos separadamente. Em seguida, apresentaremos os cálculos dos resultados

das três sub-partes juntas, para as conclusões gerais da análise do corpus como um todo. No entanto, antes de entrar na apresentação da análise do corpus propriamente dita, cabe uma breve descrição dos princípios que guiaram a nossa análise, assim como dos conceitos chaves usados na sua execução.

### 4.3.1

#### Delimitação da unidade de análise

O ato de fala, por muitos considerado a unidade mínima de comunicação, foi inicialmente tomado como a unidade básica de análise para a nossa pesquisa. Para poder captar a dimensão pragmática na análise das funções do diminutivo, é necessário estender a análise para além do âmbito da palavra base. Nessa pesquisa, entendemos o ato de fala como uma unidade de linguagem produzida para adquirir um determinado objetivo em uma determinada situação. Um ato de fala pode consistir de apenas uma palavra, assim como de uma frase complexa. Para a classificação dos tipos de atos de fala, adotamos a distinção de Searle, que retomou as noções desenvolvidas por Austin (1962), primeiramente em *Speech acts* (1969) e depois em *Expression and meaning* (1979). Searle distingue cinco grandes categorias de atos de fala: assertivo, diretivo, comissivo, expressivo e declarativo. Segundo Searle ([1979], 1986, p.29), os seguintes atos básicos podem ser feitos através da língua:

- (1) dizer aos outros como são as coisas (assertivos)
- (2) tentar fazer os outros fazerem coisas (diretivos)
- (3) comprometer-se a fazer coisas (comissivos)
- (4) expressar sentimentos e atitudes (expressivos)
- (5) provocar mudanças no mundo através de enunciações (declarativos)

Há autores que defendem que apenas textos inteiros ou atos de fala globais (*macro speech acts*) poderiam ser considerados como unidades autônomas de comunicação e, desta maneira, deveriam ser adotados como a base da análise. Contudo, no caso do diminutivo, consideramos o conceito de ato de fala mais adequado como a unidade da análise, dado que constitui a esfera da operação primária do sufixo *-inho*: a regra de adição do sufixo *-inho* não tem relevância

direta em macro-atos de fala, mas se refere a unidades menores, a atos de fala unitários, que, entretanto, idealmente devem ser analisados dentro das suas seqüências de atos de fala relevantes.

O já mencionado caráter inicial do ato de fala como unidade de análise se revela justamente pela necessidade de estender a análise para além do âmbito de um ato de fala unitário. Se por um lado o conceito de ato de fala nos livra dos problemas das abordagens semânticas que se concentram apenas na análise da palavra ou expressão modificada pela adição do sufixo *-inho*, por outro lado, ele não é por si só suficiente para a análise da dimensão pragmática do diminutivo. Hoje em dia, cada vez mais a teoria de atos de fala vem sofrendo críticas, revisões e modificações em vertentes mais recentes de estudos lingüísticos. Nessa linha, os estudos feitos no âmbito da Sociolingüística Interacional (ver, p.ex., Bateson, 1972; Goffman, 1974; Gumperz, 1982a, 1982b) vêm apresentando alternativas interessantes às teorias pragmáticas tradicionais. Os estudos desenvolvidos no âmbito da abordagem sócio-interativa se afastam, por exemplo, da noção idealizada do contexto e da transparência da linguagem encontrada nas abordagens de Searle e de Grice, que dão destaque à intenção do falante, restando para o ouvinte apenas o papel de deduzir esta intenção (significado do falante) por mecanismos inferenciais. Na nossa análise, aproximamo-nos mais de uma visão sócio-interacional, que busca diminuir este enfoque na intenção do falante e atribuir um papel mais ativo para o ouvinte na construção e negociação do significado em situações de interação, adotando, desta maneira, uma visão mais dinâmica sobre o contexto.

Outro problema bastante evidente na teoria de atos de fala é a estipulação de um número fixo de funções ou ações que podem ser executadas através da língua. Nesse aspecto, concordamos plenamente com a visão de Wittgenstein (1958, p.10-11, *apud* Levinson, 2003, p.280) sobre o número ilimitado de *jogos de linguagem* possíveis. No entanto, apesar de reconhecermos a existência deste e de outros problemas na teoria de atos de fala, adotamos, para os fins de clareza na identificação de certos tipos básicos de atividades ao decorrer da nossa análise de corpus, as denominações searleanas sobre os tipos de ato de fala. Contudo, em vez de nos limitarmos à análise de um único ato de fala ou jogo de linguagem, consideramos necessário levar em consideração não só a seqüência destes como a inteira situação de comunicação em questão. Desta maneira, ao determinar o

significado de uma determinada ocorrência de diminutivo, buscamos observá-lo sempre dentro de um *enquadre* (frame) maior. O conceito de enquadre é amplamente utilizado não só em Linguística Cognitiva (ver capítulo 3) como também em estudos psicológicos (p.ex. Minsky, 1975), antropológicos (p.ex. Hymes, 1974) e sociológicos (p.ex. Goffman, 1974), entre outros. Nesse trabalho, nós nos identificamos principalmente com as contribuições da abordagem cognitiva (p.ex. Fillmore, 1985) e sócio-interacional (p.ex. Bateson, 1972; Goffman, 1974) no uso desta noção e a concebemos como consistindo de estruturas de conhecimento e de expectativas que afetam a forma como interpretamos ou reinterpretemos, lembramos e categorizamos significados em situações de interação comunicativa.

Levinson (2003, p.281), ao discutir a questão dos atos de fala em contexto, também menciona a noção de enquadre como um conceito analítico possível para captar a relação dos atos de fala individuais com o seu ambiente maior de ocorrência. Na verdade, como foi observado por Adolphs (2002, p.48), não só a noção do enquadre, como também as discussões em torno de noções como ‘evento de fala’ (Hymes, 1986), ‘tipos de atividade’ (Levinson, 1992), ‘atividade de fala’ (Gumperz, 1982a) e ‘schemata’ (Cook, 1994) são todas envolvidas com a forma como os falantes se orientam em relação ao contexto maior de comunicação (ou, em termos de McCarthy, 1998, em relação a um “*higher-order framework*”).

Nesta maneira, ao levar em consideração a noção de um enquadre global, podemos concordar com a observação de Zierhofer (2001, p.3) sobre a capacidade do conceito de ato de fala de fornecer um tipo de “força de ligação” (*binding force*) entre ações diferentes, dado que ele, como ação, pressupõe a expectativa de uma reação. O conceito de ato de fala inserido em um arcabouço maior incorpora a conectividade de ações, representando a *ação* e a *interação* ao mesmo tempo, e, desta maneira, podemos superar os dualismos e as dualidades entre as perspectivas *micro* e *macro*, assim como entre as noções de *ação* e de *estrutura*. Evidentemente, como já foi mencionado, a teoria de atos de fala apresenta também fraquezas e problemas, mas, apesar disso, podemos considerar que o quadro teórico apresentado por Searle (1969, 1979) e Searle & Vanderveken (1985) se apresenta como um bom ponto de partida para o propósito da análise da operação do diminutivo: a teoria de atos de fala tem o mérito de oferecer um quadro teórico empiricamente válido, explanatório, e cuja aplicação na análise de

dados é viável na prática. No entanto, devido aos inegáveis problemas da teoria já mencionados, e reconhecendo a ausência de uma “Teoria Pragmática Geral”, é necessário adotar uma abordagem que combine diferentes abordagens e modelos pragmáticos. Como já foi explicitado, a nossa posição teórica sobre a descrição do significado se baseia na abordagem cognitiva, mas, ao mesmo tempo, aproveitamos vários pontos compatíveis das abordagens sócio-interacionais, assim como de alguns outros modelos de ordem pragmática com alto poder explicativo, por exemplo, a teoria de polidez de Brown e Levinson (1987). Os conceitos ligados à teoria de polidez, como a face positiva e a face negativa (Goffman, 1967; Brown & Levinson, 1987), foram especialmente úteis na análise do arquivo “Conversas no serviço de atendimento”, ponto para o qual voltaremos no capítulo 4.3.4.2.

#### 4.3.2 Variáveis pragmáticas e fatores contextuais e cotextuais

Na determinação das funções das formações diminutivas, foi necessário levar em consideração uma variedade de fatores. Durante a análise, ficou bem evidente que tanto as configurações gerais da situação de comunicação como os elementos circundantes de uma dada ocorrência são fundamentais para a interpretação da ocorrência sob análise. Para chegar a uma conclusão sobre a função em questão, foi necessário levar em consideração tanto aspectos da situação de fala (contexto) como os elementos que precedem e sucedem a forma diminutiva na sua enunciação de ocorrência (cotexto). Dado que não podemos conhecer nem adivinhar as verdadeiras intenções dos interlocutores, a observação dos elementos lingüísticos circundantes e do contexto discursivo é necessária, dado que são esses elementos que nos oferecem as pistas necessárias para a interpretação das ocorrências sob análise.

Na nossa análise dos dados, as variáveis pragmáticas mais importantes são a **situação de fala**, o **evento de fala** e os **participantes**. Para esses conceitos, adotamos as definições apresentadas por Dressler & Merlini Barbaresi (1994, p.5), já mencionadas no capítulo 2.2.1: a situação de fala (*speech situation*) consiste dos papéis dos participantes, do lugar, da hora e das configurações gerais da comunicação, e dos meios convencionais de comunicação verbal e não-verbal disponíveis para os participantes. O evento de fala (*speech event*) consiste das

ações e interações verbais e não-verbais dos participantes, regidas por normas sociais. Os participantes incluem o falante (o produtor do texto), o interlocutor (o destinatário direto, ouvinte), o eventual público maior para o qual o falante se dirige (*side-participants*) e, de forma marginal, as outras pessoas presentes (*bystanders*). Os participantes da situação de fala têm algumas propriedades estáticas relevantes para a interpretação, p.ex. as suas pressuposições, atitudes e inter-relações sociais.

Para facilitar o entendimento das variáveis envolvidas, a pragmática de comunicação pode ser concebida como dividida em dimensão estática e dimensão dinâmica. Usando a metáfora de teatro, Dressler & Merlini Barbaresi (ibid., p.5) caracterizam a dimensão estática como consistindo de montagem, cena, e atores (*dramatis personae*), e a dimensão dinâmica das ações planejadas e executadas pelos atores. Nessa metáfora, a dimensão estática corresponde à situação de fala e a dimensão dinâmica ao evento de fala<sup>12</sup>. No entanto, como salientam esses autores (ibid., p.6), não devemos considerar a situação de fala e evento de fala como instâncias estritamente separadas no sentido de a situação de fala ser de alguma forma anterior ao evento de fala. Na verdade, vários elementos do evento de fala devem ser negociados, ou pelo menos podem ser renegociados pelos participantes. No entanto, trata-se de uma idealização analítica útil considerar as situações como “contextos nos quais os agentes agem” (Littman & Mey, 1991, p.139).

Na prática da nossa análise, além das contribuições das pesquisas de Alves, Basílio e Rocha (ver capítulo 2) e dos fatores contextuais apresentados acima, critérios cotextuais foram usados na tarefa de determinar a função de uma determinada ocorrência diminutiva. A pesquisa efetuada por Ezarani (1989) também nos foi de grande utilidade, com as suas observações sobre o papel dos elementos circundantes na análise das ocorrências.

Os seguintes critérios e condições favorecem a interpretação de uma ocorrência como veiculando a idéia de dimensões reduzidas da entidade referida:

1. O referente da palavra base é passível de uma diminuição das dimensões

---

<sup>12</sup> Nessa distinção, Dressler & Merlini Barbaresi diferem da abordagem de Leech (1983, p.13-15), que junta as duas dimensões na situação de fala e da abordagem de Levinson (2003, p.279) que junta as duas dimensões no evento de fala. Já outras abordagens usam o termo *speech act situation* para o “teatro” como todo.

*(casa, gato)*

2. Há possibilidade de substituição do diminutivo sintético pelo diminutivo analítico (*casinha* pode ser substituída por ‘*casa pequena*’, enquanto *mãezinha* não pode ser substituída por ‘*mãe pequena*’)

3. A co-ocorrência do adjetivo “pequeno” com a forma diminutiva

*(Agora, não, agora já es... está civilizado, já tem tratamento água. Mas naquela ocasião a, a água era transportada em jegue, naquele burrinho pequeno, né?)*

Os seguintes critérios e condições favorecem a interpretação de uma ocorrência como veiculando a idéia de uma avaliação positiva do falante frente à entidade referida / interlocutor / situação de fala:

1. O referente da palavra base não é passível de diminuição das dimensões em termos concretos

*(leite, farofa)*

2. Presença de referenciadores de 1ª pessoa: *meu, minha*

*(Você é o meu bebezinho, é?)*

3. Presença de estruturas reiteradoras de apreciação positiva

*(solzinho gostoso, menininha tão bonitinha)*

4. Repetição do objeto de afeto

*(Na época de operário levava-se, levava-se a marmita, né. Que eu nunca me dei em alimentar-me fora de casa, quer dizer que eu preferia mil vezes levar comida. Quer dizer, pelo menos na minha, na minha refeição, na minha marmitazinha constava sempre o feijão, arroz, tônica dominante, e se pudesse, botasse na minha (inint.) botasse na minha marmita, a semana toda, um ensopado de quiabo com carne fresca e a batata-doce frita, estava satisfeito.)*

5. Situação de comunicação envolvendo crianças

6. Ato de fala expressivo

Os seguintes critérios e condições favorecem a interpretação de uma ocorrência como veiculando a idéia de uma avaliação negativa do falante frente à entidade referida / interlocutor / situação de fala:

1. O referente da palavra base não é passível de diminuição das dimensões em termos concretos
2. Presença de dêiticos de 2ª e 3ª pessoa: esse/a, aquele/a  
*(Bom, tem que se ver, ver horários e coisa, comprar passagem e depois esperar lá aquela coisa desagradável, vim pesar bagagem, está, está no peso, o que não está. Depois aquela revistinha maravilhosa pra entrar, né? ;  
 Inclusive essas frutinhas tolas aqui do Brasil: jamelão, amora, carambola, romã...)*
3. Presença de indefinidor acompanhado de dêiticos  
*(Então era mais um lanchezinho desses aí.)*
4. Presença de estruturas reiteradoras da pejoratividade  
*(Tem uns trocinhos chatos aí.)*
5. Ato de fala expressivo

Os seguintes critérios e condições favorecem a interpretação de uma ocorrência como sendo usada para estratégias interacionais:

1. Situação de comunicação formal  
(p.ex. ambiente de trabalho, restaurantes, lojas)
2. Assimetria hierárquica entre os interlocutores  
(p.ex. chefe e seu subordinado, vendedor e cliente)
3. Situação de comunicação envolvendo crianças
4. Ato de fala diretivo (p.ex. pedido, ordem) ou comissivo (p.ex. promessa)

Além dos fatores cotextuais e contextuais, idealmente, fatores prosódicos seriam observados na análise. No entanto, no âmbito desse trabalho isso não foi possível, dado que a análise de fatores prosódicos exige a disponibilidade de instrumentos especializados, e, dadas as limitações impostas pelo tempo disponível para a efetuação de uma tese de doutorado, tal empreitada não teria sido possível no âmbito dessa pesquisa.

A seguir, apresentaremos os resultados da análise das ocorrências no corpus. A apresentação se dá, em primeiro momento, dividida conforme os três

gêneros discursivos analisados. Após a apresentação dos três sub-corpora, delinearemos as conclusões gerais a partir dos três grupos.

### 4.3.3

#### Conversas cariocas

O arquivo “Conversas cariocas” consiste basicamente de dois tipos de discurso: de diálogo e de descrição. Em princípio, o arquivo consiste de trocas de turnos entre o entrevistador e o entrevistado em forma de perguntas e respostas. No entanto, o que ocorre repetidamente são longas seqüências de descrições por parte dos entrevistados que, ao responderem às perguntas do entrevistador, muitas vezes começam a lembrar as suas vidas e relatar aspectos das mesmas, demorada e detalhadamente. Essas descrições se dão sobre tópicos variados, como, por exemplo, as casas, famílias e hábitos alimentares dos entrevistados. Desta forma, temos, ao mesmo tempo, momentos de interação entre o entrevistador e o entrevistado, e momentos de narração descritiva por parte do entrevistado. Dadas essas características, era de se esperar que o arquivo manifestasse ocorrências do diminutivo operando em todas as três dimensões previstas por Fradin (2003): na esfera do referente, na relação do falante com o referente, e nas relações entre os interlocutores.

#### 4.3.3.1

##### Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo semântico

Entre os 525 exemplos de diminutivo no corpus, um total de 170 ocorrências apresentou o valor de redução das dimensões da entidade referida, ou seja, a operação do diminutivo se deu no nível do referente da palavra base. Entre os casos mais comuns do diminutivo dimensional estão as descrições de móveis e demais objetos ou espaços de tamanho pequeno, por exemplo:

(1)

*Comprei uma mesa e comprei um **armariozinho** pra sala, pequeno, mais decorativo do que propriamente prático e ... Que mais? Que mais que eu comprei?*

(2)

*A: - Como é que são os leitos?*

*B: - São do... a cabine, eh, tem, consta, são dois leitos beliche, né, um, um leito embaixo outro em cima com aquela **escadinha** pra subir, tem um pequeno banheiro dentro da cabine e acho que é só. E o, a, é, é isso sim. Um **banheirinho** e a cabine fica de um lado da composição, do outro lado tem um corredor com a janela e evidentemente dentro da, da cabine tem uma janela fechada porque supostamente ele é pra ser refrigerado e não é, às vezes.*

(3)

*Por exemplo, a senhora chega assim numa casa vê, não sei dizer o termo técnico desses **banquinhos** pequenos ou de certos tipo de mesas, né, mas aí existem agora umas cadeiras, parecem uns cubos de vidro, de plástico, né, quer dizer, aí já é uma sofisticação tão ... Certos tipos de, de, eh, de, de móveis ultra esquisitos, né, quer dizer, eh, assim, tornam se mesmo uma coisa mais sofisticada, mesas de mármore, né, mármore Carrara, digamos, né, coisas mais, mais raras e mais caras, né?*

Nos exemplos citados, as palavras base denotam entidades concretas, suscetíveis à redução de suas dimensões. A co-ocorrência do adjetivo *pequeno* apóia a possibilidade de interpretação como primeiramente veiculando a idéia de pequenez concreta dos objetos e espaços. O *armariozinho* do primeiro exemplo é um pequeno armário: esse armário particular de fato não deve ser grande já que o próprio falante reconhece que ele é mais bonito do que prático. A *escadinha* e o *banheirinho* do segundo exemplo são sem dúvida pequenos em tamanho, dado que pertencem a uma cabine de trem. Os *banquinhos* que o falante tenta descrever no terceiro exemplo são bancos pequenos com aparência de cubos de vidro. Esses tipos de ocorrências são típicos no arquivo “Conversas cariocas” dado que o arquivo contém bastante descrição de casas e de apartamentos, na forma de atos de fala assertivos, resultando em um número relativamente grande de ocorrências de descrição de objetos concretos. Formações como *hallzinho*, *portãozinho*, *corredorzinho*, *varandinha*, *salinha*, *mesinha*, etc., são freqüentes nesse arquivo. É claro que essas formações podem assumir também funções avaliativas, o que de fato acontece no arquivo. No entanto, encontramos no corpus um total de 170 ocorrências nas quais, através das pistas fornecidas pelo cotexto e contexto, foi possível chegar à interpretação fundamentalmente dimensional.

Além do mundo de moradias, o arquivo apresenta uma variedade de ocorrências de outros objetos ou entidades que apresentam o valor de tamanho reduzido. Observem-se os seguintes exemplos:

(4)

*Enfeita se com **sininhos** e coisas típicas de natal, de modo que quando se corta, que ela, a massa absorveu a baba-de-moça, então, é uma coisa de delicioso mesmo.*

(5)

*O curioso é que Ipanema está observando um, uma, uma evolução inversa a isso, né? Atualmente nós temos umas **lojinhas pequenas**, eu não me lembro o nome, que vendem roupa de mulher.*

(6)

*Mas é um barco extremamente prático porque eu, só, manipulo totalmente. Eu boto nágua, quer dizer, eu tiro água sozinho porque ele é leve, arrasto pela areia e tem um **motorzinho** de popa bem pequeno.*

(7)

*O juiz é que apita o jogo propriamente dito. É o juiz. E os outros bandeirinhas, que chamam de bandeirinha, porque eles carregam uma **bandeirinha**, né?*

Em todos esses casos trata-se de redução de dimensões das entidades referidas. O bolo é enfeitado com decorações pequenas em forma de sino, em Ipanema encontram-se lojas pequenas enquanto a tendência geral é de ter lojas cada vez maiores, e o motor de popa assim como o barco inteiro do terceiro exemplo são bem práticos, já que são tão leves e pequenos. O último exemplo apresenta um caso curioso de uma única forma poder apresentar referentes completamente distantes. As primeiras duas ocorrências do termo *bandeirinha* têm como referente o ‘árbitro auxiliar, encarregado de acenar com uma pequena bandeira ao observar uma infração ou a transposição da bola pelas linhas laterais e de fundos’ (Novo Aurélio, 1999), enquanto a última tem como referente o objeto que deu nome para o árbitro auxiliar: a bandeira de tamanho pequeno. É apenas esta última ocorrência que entra na nossa análise e distribuição dos exemplos no continuum semântica – pragmática: as primeiras duas ocorrências de *bandeirinha* são resultados do processo de formação de entidades, não incluído na análise. (Para os critérios de seleção, ver os capítulos 4.1. e 4.3.)

No arquivo, há também ocorrências de diminuição dimensional em palavras base que não denotam entidades com propriedades necessariamente concretas. No seguinte exemplo, o referente é um desenho, e o sufixo diminutivo sinaliza que este está em forma pequena:

(8)

*Puxava, uma parelha de cavalos que era uma parelha muito bem tratada, muito bem escovada e quando (inint.) queria, faziam desenhos com máquinas, nas, nas ancas dos cavalos, assim em **quadradinhos**, como se fosse um jogo de xadrez.*

No seguinte exemplo, temos um caso de uma extensão metafórica da diminuição espacial para o domínio de intensidade:

(9)

*E esse ônibus da carreira na altura de Taubaté, quando começou um **chavisquinho** assim como esse de hoje, o ônibus derrapa com muita facilidade na estrada e ele derrapou e saiu do leito da estrada e foi contra um barranco.*

Quando se fala de *chavisquinho*, trata-se de uma chuva fina e leve, ou seja, menos intensa que uma chuva “padrão”, prototípica. A projeção metafórica do diminutivo espacial para outras dimensões é observada por Novais (2002, p.42) e Silva (2006, p.221-222) para o português europeu. Segundo os autores, o diminutivo apresenta pelo menos três tipos de extensões metafóricas diretamente derivadas da diminuição espacial: a diminuição nas dimensões do tempo, da intensidade e da quantidade. O nosso corpus apresentou ocorrências de todos esses três casos. No entanto, como foi observado por Novais, ao passar para domínios não espaciais, as realizações diminutivas tornam-se “mais subjectivas e receptivas aos valores conotativos, que não deixam de coocorrer com os sentidos espaciais” (2002, p.43). Sendo assim, vários exemplos dessas extensões metafóricas serão analisados na parte onde tratamos dos valores avaliativos, pertencentes, a nosso ver, ao pólo pragmático.

#### 4.3.3.2

#### Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo pragmático

O arquivo “Conversas cariocas” apresentou um número bastante elevado de ocorrências nas quais os valores avaliativos ou estratégicos se apresentaram mais relevantes do que a noção dimensional. Em vários desses exemplos, uma interpretação em termos dimensionais nem seria possível, dadas as características da palavra base. Em outros, um aspecto dimensional está presente, mas, naquela situação de enunciação específica, fica para o segundo plano frente aos outros valores.

O arquivo apresentou um total de 355 de ocorrências que atribuímos ao pólo pragmático no continuum semântica – pragmática. Por exemplo, nos seguintes casos, as palavras base não aceitam diminuição dimensional:

(10)

*Bebida alcoólica eu gosto muito, sabe, e domingo também eu às vezes me dou ao luxo, eh, às vezes a gente põe assim um **vinhozinho**, então a gente toma vinho de acordo também com o tipo de comida, se é carne, aqueles hábitos que a gente tem, se é carne é vinho tinto, se é peixe a gente usa vinho branco.*

(11)

*É uma beleza, entende, é uma beleza. Ir naquele **arzinho**, você viaja no conforto, é muito gostoso.*

(12)

*E deixa descansar no molho fino, um vinho, pode pôr uma cebolinha ralada, cheiro verde, descansa por uns, por um, umas **horinhas**, pra dar melhor gosto.*

No primeiro exemplo, temos como palavra base um nome não-contável (nome massivo): o substantivo *vinho*. Como foi observado por Novais (2002, p.47), os nomes massivos não têm elementos constituintes perceptíveis e dificilmente serão afetados pelo diminutivo para indicar um tamanho menor da sua matéria constituinte. No nosso exemplo, a forma *vinhozinho* está sendo usada para veicular a apreciação do falante pelo objeto referido, estando o diminutivo, assim, operando na relação entre o falante e o referente, e não nas propriedades deste.

No segundo caso, o falante está relatando a facilidade de viajar de avião entre Rio de Janeiro e São Paulo: além de rápido, é prazeroso, com o ar condicionado do avião aumentando a comodidade da viagem. Não há nenhuma possibilidade de interpretar a forma *arzinho* em termos dimensionais: trata-se de uma avaliação apreciativa da situação, estando, nesse caso também, a operação do sufixo diminutivo na relação entre o falante e o referente – ou melhor ainda, entre o falante e a situação de enunciação como um todo, já que a operação do diminutivo claramente estende para além da palavra base em questão.

No terceiro caso, temos uma palavra base denotando medidas temporais. *Hora* é uma palavra base que não permite variação quantitativa: uma hora tem sempre a mesma duração, ou seja, de 60 minutos. Sendo assim, não há

possibilidade para uma análise das dimensões da referente da palavra base: o diminutivo está necessariamente veiculando uma noção de outra ordem. Nesse exemplo, podemos atribuir ao diminutivo o valor de indeterminação: a expressão “umas horinhas” significa um tempo indeterminado, ficando a duração exata a critério do quem está preparando a comida. O sufixo diminutivo veicula também uma atenuação do tempo de espera previsto: no contexto de cozinhar, esperar durante horas é bastante incômodo, e o uso do diminutivo serve para criar uma ilusão de atenuação da duração dessa espera.

Em contraste com esses exemplos, temos, nos casos que seguem, palavras base que são, sim, passíveis de uma redução de dimensões, porém esta função é irrelevante nessas situações de comunicação:

(13)

*No dia de ir ao Lírico, ah, como as crianças ficavam enamoradas da mãe, do pai, da tia e que pena que não pudessem ir, porque era um espetáculo como as senhoras se vestiam e que jóias maravilhosas! As senhoras usavam jóias nos quatro dedos da mão. Não essas joiazinhas de hoje, de, feitas de aço, feitas de metal, não! Bonitos brilhantes, cravejados, principalmente um anel chamado chuveiro que muita gente conhece.*

(14)

*A: O senhor tem barco?*

*B: Tenho, tenho uma **lanchazinha**, né?*

*A: É grande ou pequena, como é que é?*

*B: É boa, dá. Vinte e nove pés. Dá bem pra umas duas ou três famílias ali, umas quinze pessoas dá comodamente, né?*

(15)

*Difícilmente você vê um, um **jogadorzinho** menor aí com distensão muscular. Normalmente acontece com os, com os craques, né, com os bons de bola, né?*

No primeiro exemplo, temos uma ocorrência do sufixo *-inho* veiculando desprezo: *joiazinha* se refere aqui a jóias de pouco valor e de mau gosto, e não a jóias de tamanho pequeno. Observa-se o uso da forma base *jóia* para referir aos adereços que as senhoras usavam antigamente: aqueles eram “jóias maravilhosas”, enquanto “essas *joiazinhas* de hoje” são de qualidade muito pior e de gosto duvidoso. Observa-se, ainda, o dêitico “essas”, que também contribui para uma interpretação em termos de avaliação negativa. Nesse caso, o sufixo *-inho* opera

claramente na relação entre o falante e o referente, as dimensões do referente não entrando em questão.

No segundo exemplo, o falante usa a forma *lanchazinha* para referir a sua lancha que, pela seqüência do diálogo, se revela a ser bem grande. Aqui, mais do que na relação entre o falante e o referente, o diminutivo está sendo usado para operar na relação entre o falante e o seu interlocutor: trata-se de uma estratégia de modéstia, de uma “minimização imaginária” da grandeza do objeto referido, com o objetivo de diminuir o possível desconforto causado pela dessimetria em termos materiais entre o falante e o seu interlocutor.

No terceiro exemplo, apesar do adjetivo “menor” que segue a forma *jogadorzinho*, é evidente que não se trata de tamanho do jogador, mas do “valor” dele: este é mais um uso avaliativo do diminutivo, o uso do sufixo veiculando a idéia de um jogador de segunda ordem, de qualidade e talento inferior aos chamados craques. Mais uma vez, nada a ver com as dimensões concretas da entidade referida em termos espaciais. Em todos esses casos, em vez de uma avaliação *dimensional*, trata-se de uma avaliação *qualitativa*.

Em contraste com os casos acima, o corpus apresenta também ocorrências nas quais temos, ao mesmo tempo, tanto uma avaliação quantitativa como qualitativa por parte do falante. Nos seguintes exemplos, o referente da palavra base não só é teoricamente passível a uma redução de dimensões, mas esta função de fato está presente na situação de comunicação em questão. No entanto, nesses casos, a função dimensional vem claramente acompanhada de uma função avaliativa qualitativa que, dado que é a função perfilada nas situações de fala respectivas, deixa a diminuição espacial para o plano secundário.

(16)

*O professor é uma maravilha, o professor é um espetáculo mas, coitado, o professor sabe bem dele como é que ele vive. Ele vive a pé, pendurado num ônibus porque não tem condição pra comprar o seu **carrinho** pra ir pra escola.*

(17)

*Ah, os meninos foram uma graça. Os meninos, o primeiro neném nasceu depois de nove meses e um dia de casada, o primeiro filho e (inint.) e com muito carinho e eu acho que, por isso, eu nunca vi meu filho chorar quando acordava, nunca. Eles podiam chamar, a... acordava e chamava lá da, da **caminha** deles, eles chamavam.*

(18)

*O ouriço caixeiro é um bicho todo espinhento. É horrível, horrível e eu várias vezes tive oportunidade de matar ouriço na estrada com o carro e evitava matar e um dia comentei lá com meus empregados: olha eu ma... deixei de matar uma ouriça com um filhote. Mas o senhor não matou não? Aí eu digo: ah, matar o **bichinho**. Bicho desgraçado, doutor, pode matar, o senhor mata sem dó, porque o bicho é, o bicho não presta mesmo.*

No primeiro caso, há a idéia de um carro mais para barato e popular, que de fato raramente é de tamanho grande, e, sendo assim, até seria possível interpretar esse caso como veiculando a idéia de pequenez. No entanto, o foco principal não está no tamanho do carro, mas no fato lamentável de professores ganharem tão mal que não conseguem nem comprar um carro, o mais barato e popular que seja, com a remuneração do seu trabalho. O diminutivo assume uma função claramente avaliativa, em termos de afetividade e compaixão pela situação dos professores.

No segundo caso, o diminutivo está sendo usado para expressar a afetividade da falante sobre o cenário descrito por ela: de fato, uma cama de criança é de tamanho menor quando comparada a uma cama “padrão”, prototípica. No entanto, nesse caso, o diminutivo foi usado para aumentar o tom de afetividade e carinho do cenário descrito. Como o alvo (*landing-site*) mais prototípico do sufixo diminutivo é o substantivo, a afetividade caiu no substantivo concreto da frase em questão, a *cama*.

No terceiro caso, temos a palavra *bicho* alternando na sua forma básica e na forma diminutivizada. O motivo do uso da forma em diminutivo fica evidente quando observamos o uso da palavra *bicho* no diálogo relatado pelo falante: no início, o falante se refere ao animal na sua forma básica, descrevendo-o como um *bicho* espinhento e horroroso. No entanto, ao contar como não quis matar o animal, o falante escolhe a forma em diminutiva, para mostrar compaixão, pena, dó, pelo *bichinho*. O seu interlocutor, no entanto, não compartilha esses sentimentos frente a animal, e usa apenas a forma base para se referir a ele. De fato, ouriço não é um animal de grandes proporções, mas é evidente que a função do diminutivo nesse caso não foi de salientar esse aspecto: ao contrário, trata-se, mais uma vez, de um uso avaliativo, com o diminutivo operando na relação entre o locutor e o referente, possivelmente também na relação entre os interlocutores,

caso o falante realmente tenha usado essa forma na situação real da comunicação e não só no relato dela.

Nesse arquivo, foi possível observar também ocorrências de sufixo *-inho* se oferecendo para a função de desprezo:

(19)

*Bom, eu moro, eu moro, talvez num dos pontos mais movimentados do Rio de Janeiro, que é Bolivar, a rua Bolivar entre a Atlântica e Copacabana e aquela **zoninha** ali. Pra te dizer com franqueza, na minha rua, setenta por cento é casa de comida.*

Nesse exemplo, o falante está descrevendo o seu bairro de residência e comenta sobre a intensa movimentação da sua rua em tom de desprezo. É claro que a palavra base *zona* já contém um aspecto pejorativo em si, e a noção de desprezo não pode ser inteiramente atribuído ao sufixo *-inho*. De fato, como foi observado também por Alves (2006, p.198), nem sempre há como separar o que é devido ao valor semântico, à entoação ou à estrutura envolvida, assim como há sobreposições e redundâncias possíveis. Nesse caso particular, o reiterador de pejoratividade “aquela” serve para reforçar a interpretação de desprezo.

Um outro exemplo interessante em termos de avaliação pode ser observado no seguinte uso do diminutivo:

(20)

*Outro troço, também, os caras comem arroz, feijão e farinha, enchem a barriga e acha, e acham que estão alimentados, né? Você vê esse, esse paraíba-de-obra e olha o almoço dos caras. Mas aí também você entra no lado econômico da comida, né? Não é, não é todo cara que pode, pode comer seu **filezinho**, né, **pedacinho** de presunto, **melãozinho**, né, coquetel de camarão e vai por aí fora.*

Nesse exemplo, mais do que com referência ao tamanho ou à quantidade dos alimentos em questão, o diminutivo está sendo usado para veicular “afeto pelo desejado”, analogicamente ao freqüente uso apreciativo de palavras como *cervejinha*, *franguinho* etc. O *filezinho*, o *pedacinho* de presunto e o *melãozinho* não são necessariamente pequenos em tamanho: o que entra em primeiro plano nesse contexto é a apreciação desses alimentos luxuosos, dos quais são compostas as mesas dos pertencentes às classes mais elevadas enquanto a classe trabalhadora se nutre com alimentos mais básicos.

Observemos, por fim, mais um exemplo interessante encontrado nessa parte do corpus:

(21)

*Pode haver uma restrição, talvez esteja certa essa última restrição que houve agora, mas em bases provisórias e precárias, isso não pode durar por muito tempo. Você não pode viver isolado do mundo. Só se, né, optar por um novo sistema de vida, isolar, fazer uma **Chinazinha**: não entra nada aqui, etc.*

Nesse exemplo, o sufixo diminutivo não é usado para veicular a idéia de uma China em tamanho menor (até porque, se comparado em termos geográficos, o Brasil quase equivale à China em tamanho). Nesse caso, o falante está refletindo sobre questões relativas à economia internacional e a importação e exportação de produtos entre o Brasil e outros países. A forma diminutiva transmite, através de metáfora, a idéia de transformação do Brasil em um país que aplica medidas protecionistas à sua política econômica.

Esses foram apenas alguns exemplos de tipos de usos do diminutivo encontrados no arquivo “Conversas cariocas”. Entre as 525 ocorrências de diminutivos formados a partir de substantivos, 170 casos foram atribuídos para o pólo semântico e 355 casos ao pólo pragmático. Frente esses dados, percebe-se que os usos avaliativos e estratégicos se demonstraram claramente mais freqüentes do que os usos em referência às dimensões dos referentes. Em termos percentuais, trata-se de uma relação de 32,4 % versus 67,6 %.

#### **4.3.4 Conversas no serviço de atendimento**

O arquivo “Conversas no serviço de atendimento” consiste de diálogos entre clientes e atendentes de uma companhia de gás e de uma companhia de planos de saúde. Trata-se de situações comunicativas profissionais, envolvendo a relação entre os atendentes e os clientes. O arquivo apresenta um grande número de atos de fala diretivos. Os turnos entre os interlocutores são relativamente curtos e consistem principalmente de pedidos de informações e de respostas a eles. Dadas essas características, o arquivo se apresenta como material bastante frutífero para a observação do diminutivo como um instrumento estratégico em

usos interacionais. O gênero dos atendentes e clientes é indicado entre parênteses, com os símbolos M (masculino) e F (feminino).

#### 4.3.4.1 Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo semântico

O caráter dialogal e dinâmico do arquivo parece contribuir para a frequência muito baixa de diminutivos analisáveis em termos dimensionais. Entre todas as ocorrências do diminutivo, que somaram 326, foi possível detectar apenas 27 casos do sufixo *-inho* usado para veicular exclusivamente a idéia de redução de tamanho em termos dimensionais. Entre esses casos, a forma diminutiva da palavra *livro* se repete 11 vezes, por exemplo:

- (22)
- Atendente (F) O que nós podemos fazer é enviar alguns formulários pra ela, ela assina e envia pra senhora, a medida que a senhora for fazendo consultas pede reembolso.*
- Cliente (F) Pois é foi bom essa informação, porque aqui tá no **livrinho** tava falando mais eu não levei em consideração porque eu pensei que era só plano superior.*
- Atendente (F) Tem, tem quem tem plano superior pode pedir reembolso de consultas, exames, honorários médicos e anestesia.*

A forma diminutiva *livrinho* se refere ao livro fornecido pela companhia do plano de saúde, com todas as informações relativas aos prestadores dos serviços credenciados pelo plano. De fato, trata-se de um livro de modestas proporções, e a forma diminutiva da palavra base pode, nesse contexto, ser interpretada como fazendo referência ao tamanho do objeto, sem maiores intenções valorativas.

Os demais exemplos de diminuição em termos dimensionais se dão sobretudo em outros objetos concretos, por exemplo:

- (23)
- Atendente(F) Então, a senhora tem que solicitar a ida deles até o local para fazer a venda e depois a senhora-*
- Cliente (F) Não, pois é. Mas eu gosto um pouquinho antes porque eu vou chamar lá e já fui até lá*

- na aqui X. GÁS de Lima Barreto pra pra me informar. Eles me informaram direitinho, mas eu fiquei na dúvida disso.*
- Atendente(F) *Sim.*
- Cliente (F) *É por exemplo, se ele cismar. Porque nunca tive corte nenhum. Meu banheiro super ventilado. Eu tomo banho com o nariz assim na na na **janelinha**. Eu abro sinto o vento bater em mim que fica sempre aberta. Que dizer, ele é que vai ver se precisa↓*
- Atendente (F) *Exatamente.*
- (24)
- Atendente (M) *Já foi feito o teste na tubulação (incompreensível) pra ver se está tudo ok? Se está (incompreensível)?*
- Cliente 1 (M) *Não.*
- Atendente (M) *Sabe se já foi feito?*
- Cliente 1 (M) *Não.*
- Cliente 2 (F) *Porque em princípio, nós fizemos quando mudamos era que fechado não passava gás.*
- Cliente 1 (M) *É. Observando o **botãozinho** lá se girava ou não girava. Não girava, tá ótimo.*
- Cliente 2 (F) *Só sei que foi isto quando entregaram a casa. Mas eles não mexeram nada na tubulação de gás.*

Os dois exemplos pertencem a gravações de companhia de gás. No primeiro caso, o cliente faz referência à janela do seu banheiro, e, dado que são desenhadas para possibilitar a ventilação e a entrada de luz, e não, por exemplo, para observar paisagem, as janelas de banheiro acostumam de fato ser pequenas. Nesse caso, não há índices de outros valores de ordem avaliativa ou estratégica: trata-se simplesmente de uma janela de tamanho pequeno. O mesmo acontece com a palavra *botãozinho*: trata-se do botão do registro que indica o consumo de gás: este é um botão pequeno, e, dado que o contexto ou o cotexto não apontam para outras funções, podemos interpretar o uso do diminutivo como fazendo referência ao tamanho do objeto.

No seguinte caso, a palavra base não designa um objeto concreto, mas, dada a capacidade humana de conceptualizar entidades não concretas em termos espaciais, nesse exemplo, a entidade referida *aberturinha* é passível de uma redução de dimensões:

- (25)
- Cliente (F)* *O meu apartamento ele tem cinquenta anos*
- Atendente (F)* *Sim*
- Cliente (F)* *Nunca aconteceu nada*
- Atendente (F)* *Correto.*
- Cliente (F)* *É é: mas pode haver o caso de não ter necessidade de fazer essa **aberturinha** na porta*
- Atendente (F)* *Não. É pode ser.*
- Cliente (F)* *Ah:::, meu Deus. Quer dizer essa **aberturinha** na porta só isso que eles não fazem?*
- Atendente (F)* *A X. GÁS a X. GÁS isso pode vir incluído na instalação.*

Uma abertura na porta pode ser pequena ou grande: nesse caso, ela é pequena, dado que se trata apenas de corte necessária para a passagem da chaminé de gás.

Em uma outra conversa do corpus, com outra atendente e outra cliente, a referência é também feita para a chaminé de gás, nesta vez encontrando-se esta palavra na forma diminutiva. A chaminé de gás é de fato uma chaminé em dimensões menores do que uma chaminé prototípica, e no exemplo seguinte, o sufixo diminutivo está sinalizando esse aspecto sobre o referente:

- (26)
- Atendente (F)* *Pois não senhora.*
- Cliente (F)* *É, eu tenho duvidas porque eu a revisão no meu aquecedor em maio e tava tudo bem. Só que eu não fiz com a X. GÁS, fiz com uma empresa. Memórias Póstumas de Brás Cubas Certo, mas a senhora adquiriu o aquecedor através da X. GÁS?*
- Atendente (F)* *Não. Também não.*
- Cliente (F)* *Ah, então a senhora aguarda um instante que eu estarei transferindo pro setor responsável senhora? Pro tele-atendimento.*
- Atendente (F)* *Porque o que eu quero saber é o seguinte, é que naquela ocasião, era aquilo que eu estava te contando antes.*
- Cliente (F)* *Ah, pois não.*
- Atendente (F)* *Ele me orientou que eu tinha que fazer aquela **chaminezinha** pra fora...*
- Cliente (F)* *Certo.*
- Atendente (F)* *(incompreensível) norma de segurança que faz o aquecedor*
- Cliente (F)* *Perfeitamente.*

Na verdade, a presença do dêitico “aquela” poderia ser entendida como apontando para um outro tipo de interpretação dessa ocorrência. Uma análise alternativa seria o uso do diminutivo como “explicativo”, ou seja, em vez de referir ao tamanho da chaminé, que pelo contexto já é conhecidamente pequena, o diminutivo seria usado como um mecanismo conversacional, no sentido de contribuir para a identificação pelos dois interlocutores do objeto que está sendo descrito pelo falante. O sintagma “aquele X-inho” é bastante recorrente nesse tipo de situações. No entanto, dado que não encontramos outras pistas cotextuais ou contextuais para reforçar tal interpretação, consideramos, na falta da evidência contundente apontando para uma estratégia pragmática, essa ocorrência como pertencendo ao pólo semântico. No entanto, fica bem evidente que nem os poucos casos que foram atribuídos ao pólo semântico nesta parte do corpus são casos claros do diminutivo na sua função de sinalização de tamanho reduzido do referente. Em oposição, a utilização do sufixo *-inho* com fins manifestadamente avaliativos e estratégicos é abundante nesse arquivo, como veremos nas páginas que seguem.

#### 4.3.4.2

#### Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo pragmático

A reduzida frequência do diminutivo dimensional no arquivo “Conversas no serviço de atendimento” é contrastada pelo número elevado de ocorrência de diminutivos avaliativos e, mais frequentes ainda, estratégicos. Entre o total de 326 casos de diminutivo substantival nesse sub-corpus, 299 ocorrências foram atribuídas ao pólo pragmático. Observe-se, por exemplo, o uso avaliativo do diminutivo no seguinte exemplo:

(27)

|                      |   |
|----------------------|---|
| <i>Cliente (M)</i>   | <i>É daqui de Maringá, o Amilton, eu queria sabe se tem alguma coisa manda pra mim esse final de mês agora?</i> |
| <i>Atendente (F)</i> | <i>Sim senhor Amilton.</i>  |
| <i>Cliente (M)</i>   | <i>Eh a respeito – meu <b>nenezinho</b> nasceu.</i>   |
| <i>Atendente (F)</i> | <i>Pois não senhor.</i>   |
| <i>Cliente (M)</i>   | <i>Então eu queria sabe se vocês vão manda alguma coisa pra mim? Tá me ouvindo?</i>                             |

A forma *nenenzinho* é uma maneira carinhosa de se referir a um bebê, e nesse caso o valor de carinho é mais evidente ainda, já que se trata do nascimento recente do próprio filho do cliente. Evidentemente, um bebê recém-nascido é pequeno em tamanho, mas a forma em diminutivo dificilmente foi escolhida aqui para destacar este fato: trata-se do afeto do falante sobre o referente. O mesmo acontece com as palavras como *filho(a)*, *garoto(a)*, *neto(a)* no corpus: ao referirem-se aos seus descendentes, os clientes muitas vezes optam pela forma diminutiva, com o objetivo de sinalizar carinho e afetividade pelo referente.

Ainda mais salientes do que os usos avaliativos, são os usos estratégicos nesse arquivo. No enquadre de serviço de atendimento das empresas, a distância social entre os interlocutores é maior do que em outros tipos de enquadre encontrados no nosso corpus. O nosso conhecimento sobre o caráter bastante formal das relações atendente-cliente no enquadre de serviço de atendimento nos ajuda a interpretar as funções veiculadas pelas ocorrências de diminutivo. Esta parte do corpus apresenta um número elevado de atos diretivos, principalmente na forma de pedidos e ordens entre pessoas desconhecidas, fazendo com que esta parte do corpus se apresenta bastante frutífero para o uso de estratégias de polidez. Na análise dessas ocorrências, o conceito de ‘face’<sup>13</sup>, central na teoria de polidez, vem a ser útil. O quadro teórico sobre polidez mais elaborado e explorado é aquele apresentado por Brown & Levinson (1987), este, por sua vez, inspirado em Goffman (1967). As nossas faces são constantemente ameaçadas nas interações comunicativas, e os falantes recorrem a diferentes estratégias de polidez para atenuar as possíveis ameaças. Os atos diretivos, dado que exigem uma ação futura do ouvinte, são aqueles que mais ameaçam a face negativa, ou seja, a autonomia, do interlocutor. Os falantes podem fazer uso de um repertório de elementos ou estratégias de mitigação para suavizar a imposição desses atos. O uso do diminutivo é claramente um instrumento suavizador de ameaças à face, e amplamente usado nesse arquivo. De fato, Berre (2007), na sua pesquisa sobre aspectos interculturais das formas de polidez, classificou o diminutivo entre as

---

<sup>13</sup> A face positiva é definida como a auto-imagem positiva dos interactantes quando em contato face a face com seus interlocutores, enquanto a face negativa expressa a necessidade dos interlocutores de preservar o seu território e a sua liberdade de ação, i.e. de não sofrer imposição pela parte dos outros. (Brown & Levinson, 1987, p.61).

principais estratégias atenuadoras do teor de imposição dos atos diretivos usadas no português do Brasil (2007, p.87).

Entre os usos suavizadores, as formas diminutivas de *minuto*, *momento* e *instante* se destacam. Estas formações são amplamente usadas tanto por atendentes quanto por clientes ao precisarem fazer o interlocutor esperar por algum motivo. O arquivo apresentou 45 ocorrências da forma *um minutinho* (contra as 58 ocorrências da forma base *um minuto*), 17 ocorrências da forma *um momentinho* (contra as 477 ocorrências de *um momento*), e 11 ocorrências da forma *um instantinho* (contra as 28 ocorrências de *um instante*). A alta frequência dessas três expressões em diminutivo poderia apontar para um sentido já lexicalizado dessas formas diminutivas dos sinalizadores de tempo. No entanto, dado que o corpus apresentou uma quantidade maior da ocorrência dessas formações em forma base, o uso de formas diminutivas deve ser interpretado como uma opção pragmática de utilização. Por exemplo:

- (28)
- |                      |  |
|----------------------|--|
| <i>Atendente (F)</i> | <i>[Deixa] eu verificar. O senhor tem a autorização na mão, não tem?</i> |
| <i>Cliente (M)</i>   | <i>Tenho , tenho sim. É oito, quatro, oito, sete, três, meia.</i>        |
| <i>Atendente (F)</i> | <i>Deixa só eu confirmar aqui, só um <b>minutinho</b> tá.</i>            |
| <i>Cliente (M)</i>   | <i>Tá bom, tá.</i>   |
- (29)
- |                      |   |
|----------------------|---|
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>E que eu to ligando, não sei se você está a par, de um (inc) que aconteceu sábado de um -- de uma internação que foi retirada pra outro hospital, que eu comuniquei pra o rapaz da capital, e ele disse que ligasse sete horas pra fala aí né. Cê está sabendo já?</i> |
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Não, senhora não to sabendo, qual o número da matrícula?</i>   |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>Vichi Maria, Peraí deixa eu pegar aqui a minha carteirinha que tudo é igual, né. Só um <b>momentinho</b>. É zero, cento quarenta e um, trezentos e setenta e oito, zero, nove. A matrícula tudo é uma só, né? ((3 seg)) Né?</i>  |
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Só um momento por favor.</i>   |
- (30)
- |                      |  |
|----------------------|--|
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>Tá bom, né acréscimo de valor não, [né?]</i>                            |
| <i>Atendente (F)</i> | <i>[Não] não É esse valor que eu dei pra senhora que será cobrado, tá?</i> |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>Ta ok.</i>  |

|                      |   |
|----------------------|---|
| <i>Atendente (F)</i> | <i>Porque no caso só vai entrar uma multa só um instante. Só um <b>instantinho</b> ((barulho de digitação))</i> |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>Setenta e nove.</i>  |

Igual à *hora*, analisada na seção 4.3.3.2, *minuto* tem uma duração fixa: são sempre os mesmos 60 segundos, sendo *minuto* assim uma palavra base que não se oferece à variação quantitativa e não pode ser diminuída em termos semânticos. Nesse caso particular, podemos atribuir ao diminutivo a função de atenuação: a atendente usa a forma diminutiva do *minuto* para assegurar o cliente que a demora não vai ser longa, visando, desta maneira, atenuar a situação desagradável causada pela espera. Ao mesmo tempo, o diminutivo funciona como suavizador do pedido de espera<sup>14</sup>: mesmo que o tempo de espera não poderia ser diminuído em termos reais, o sufixo *-inho*, através de uma extensão metafórica à dimensão temporal, cria uma ilusão de redução das dimensões da entidade referida, pelo menos no imaginário dos interlocutores.

No segundo caso, é a vez da cliente usar a mesma estratégia: mesmo que o termo *momento* não apresenta duração fixa igual ao *minuto*, o uso desta palavra na sua forma diminutiva corresponde ao uso de *um minutinho*. Observe-se que a cliente, que deveria ter lembrado ter a sua carteira e o número de matrícula às mãos desde o início do telefonema, usa a expressão na forma diminutiva, enquanto o atendente opta pela forma base *um momento*, mais distante e formal.

No terceiro caso, a atendente usa primeiro a forma base de *instante*, e logo em seguida repete a palavra na sua forma diminutiva, reforçando, desta maneira, a atenuação do pedido de espera.

Em todos esses casos, o diminutivo apresenta uma extensão metafórica de diminuição do domínio espacial para o domínio temporal, combinado com a idéia de indeterminação e vaguidade do tempo referido e o desejo de ser polido e delicado com o interlocutor. No caso do *minuto*, a diminuição é de fato possível apenas em termos metafóricos, dada a impossibilidade de diminuição efetiva das dimensões do referente. Nos três casos citados, o falante usa o diminutivo para “diminuir” aquilo que está pedindo, com o objetivo de causar a impressão que o

<sup>14</sup> Kerbrat-Orecchioni (2004) observa o mesmo tipo de uso para o adjetivo *petit* em francês, que na verdade é em vários aspectos comparável ao sufixo diminutivo em português. Igual ao *minutinho* do português, o adjetivo *petit*, em “*Je vais vous faire attendre une petite minute*”, torna mais polido um enunciado potencialmente ameaçante.

que está sendo pedido na verdade é algo pequeno, leve, e, desta maneira, fácil para o interlocutor atender, sem ameaçar demais a autonomia dele.

Nos exemplos a seguir, temos um outro tipo de uso do diminutivo para atenuar uma situação desagradável:

- (31)
- Atendente (F) *Mês retrasado foi mês quatro foi trinta e oito de consum.o*
- Cliente (F) *Quanto?*
- Atendente (F) *Trinta e oito.*
- Cliente (F) *Mas não foi estimado.*
- Atendente (F) *Isso. Foi real.*
- Cliente (F) *Hã.*
- Atendente (F) *Do mês de maio já houve um **aumentozinho** sim estimada pra quarenta e nove metros cúbicos de consumo. Por isso, que eu vou pedir essa verificação pra saber se essa leitura realmente está correta ou não. Porque aqui ela está constando pra gente como real, mas pode ter sido algum erro na hora da notação-*
- Cliente (F) *Porque mês passado vocês não viram? Não leram?*
- (32)
- Atendente (F) *X-SERV fone, Raquel, bom dia.*
- Cliente (F) *Alô. Bom dia, dona Raquel. É: o seguinte, nós é: estávamos com um **probleminha** aqui, no atraso de uma conta. Não é ↑ Uma: é:: foi feito pagamento, tá ↑ De uma delas ontem. E a moça inclusive falou que poderia ser pago, que o religamento seria feito, né ↑*
- Atendente (F) *Sim.*
- Cliente (F) *Nós fomos ontem mais ou menos ah: perto de duas horas lá:na X-SERV da: Guimarães Rosa, né ↑ na Rua Ribeiro Couto. Efetuamos o eh mostramos, né ↑ a conta já paga e eles já autorizaram o religamento. Só que eles falaram que não ia poder ser feito religamento: eh:: ontem.*

No primeiro caso, a atendente usa a palavra *aumento* na sua forma diminutiva, com o objetivo de “diminuir” a sensação do tamanho do aumento, já que se trata de um aumento de custo para a cliente. É claro que o tamanho real desse aumento não se diminui em nada, mas, pela forma diminutiva, a atendente pode tentar diminuir pelo menos o efeito desse fato desagradável no imaginário da cliente.

No segundo caso, a cliente está querendo minimizar a gravidade da sua falha em pagar a conta de gás no prazo. A forma diminutiva não só torna o problema em questão menos sério, como também contribui para diminuir a distância entre a falante e a sua interlocutora, tornando a situação de fala mais informal e desta maneira mais propício para atitudes mais flexíveis, situação desejável do ponto de vista da cliente que está com um problema a ser resolvido com a atendente.

As ocorrências do diminutivo na sua função atenuante abundam nesse arquivo. No entanto, vale observar que os usos estratégicos do diminutivo assumem várias formas, não apenas de atenuação de pedidos ou de situações desagradáveis. O diminutivo pode reduzir a formalidade da situação de comunicação e a distância social entre os participantes de várias outras maneiras, como se vê nos casos a seguir:

(33)

Atendente (F) *É:: Se ele não puder lhe atender qualquer pessoa pode lhe ajudar.*

Cliente (F) *O meu amor, qual é o seu **nominho**?*

Atendente (F) *É Fábria.*

Cliente (F) *Fábria qualquer coisa eu te digo.*

(34)

Cliente (M) *Eu gostaria de obter informações sobre uma solicitação de pagamento no banco de complementação de aposentadoria.*

Atendente (F) *Sim.*

Cliente (M) *É:: em nome de Valter Pereira Nunes*

Atendente (F) *Ele já recebe a complementação senhor?*

Cliente (M) *Ainda não. Foi encaminhado o processo.*

Atendente (F) *Qual a matrícula da carteira dele?*

Cliente (M) *A matrícula?*

Atendente (F) *É.*

Cliente (M) *É zero, quatro, nove*

Atendente (F) *Sim.*

Cliente (M) *Zero, cinco, sete, dois. ((12 seg; falas ao fundo))*

Atendente (F) *O da matrícula senhor não está aceitando, é da **carteirinha** X-Saúde que o senhor tá me dando?*

Cliente (M) *É:: é:: o, o, o protocolo não é melhor pra vocês?*

Atendente (F) *Pode ser.*

No primeiro caso, temos a palavra *nome* na sua forma diminutiva. Obviamente, essa palavra base não aceita diminuição em termos dimensionais,

nem de forma metafórica. Nesse caso, a cliente opta por uma forma extremamente carinhosa para se dirigir à atendente em uma situação que em princípio é bastante formal, provavelmente com o objetivo de estabelecer um ambiente de comunicação mais agradável e mais favorável para obter o seu objetivo. A intenção é diminuir a formalidade da situação de comunicação que é bastante alta nessa situação, dado que se trata de uma interação entre duas pessoas completamente desconhecidas, e mais, tratando de assuntos que na maioria das vezes são desagradáveis, como é típico ao enquadre de serviço de atendimento.

No segundo caso, temos o uso da forma diminutiva da palavra *carteira*. No entanto, a carteira do plano de saúde vem sempre no mesmo tamanho padrão, não podendo esse uso ser interpretado em termos dimensionais<sup>15</sup>. É interessante observar que a atendente ainda usa a palavra nas suas duas formas: primeiro na forma base, quando está perguntando pelo número da matrícula pela primeira vez, depois na forma diminutiva, quando percebeu que o cliente não sabe o que está fazendo, e está precisando perguntar novamente, no entanto, com o cuidado de não ofender a inteligência deste. Ou seja, trata-se de uma estratégia de preservação de face positiva do interlocutor através do uso da forma diminutiva.

Na verdade, a forma *carteirinha* se apresentou como um caso bastante complexo para a nossa análise: essa forma se repete 130 vezes no arquivo “Conversas no serviço de atendimento”, contra as 303 ocorrências da sua forma base *carteira*. A decisão sobre o caráter lexicalizado ou não de *carteirinha* se apresentou bastante difícil. Por um lado, dada a sua frequência no corpus, poderia-se considerar que se trata de uma forma lexicalizada, usada em referência à carteira do plano de saúde, sem valores avaliativos. Por outro lado, observando a alternância das duas formas nas seqüências de turnos entre os interlocutores, foi muitas vezes possível observar diferenças no uso entre elas, como se vê no exemplo citado. Por via das dúvidas, efetuamos um cálculo da relação das ocorrências entre os dois pólos nesse arquivo sem a forma *carteirinha*, e vimos que a exclusão dessas ocorrências não influenciou de forma significativa o resultado final (ver nota 26). Dada a situação não comprovada de lexicalização desse item, assim como a diferença relativamente irrelevante na contagem com ou sem dele, decidimos incluí-lo na análise dos dados. É possível que esta formação

---

<sup>15</sup> Apesar de se tratar, é claro, de um objeto relativamente pequeno em si.

seja usada pelos atendentes como uma forma “pseudoafetiva”, no mesmo sentido como se vê atendentes, médicos, fisioterapeutas, etc., usando expressões como *bracinho*, *dedinho*, ao se dirigirem a um público de terceira idade. Um uso analógico pode ser observado no seguinte exemplo, com a palavra *carta*:

- (35)
- Atendente (F) Qual a matrícula da carteira por favor senhora?*  
*Cliente (F) Matrícula?*  
*Atendente (F) É.*  
*Cliente (F) Ah, nove cinco dois*  
*Atendente (F) Sim.*  
*Cliente (F) Três quatro sete.*  
*Atendente (F) A senhora tá com a carta em mãos?*  
*Cliente (F) Hein?*  
*Atendente (F) A senhora esta com a **cartinha** em mãos?*

Às vezes, o uso do diminutivo como redutor de formalidade nas relações assimétricas pode resultar em um efeito “infantilizador”. No seguinte exemplo, temos o atendente dando instruções para a cliente que não consegue achar os dados necessitados nos seus documentos. Esse tipo de atitude da atendente poderia ser entendido como carinhoso e objetivando a diminuir a distância entre os interlocutores, aumentando desta maneira a informalidade da situação. No entanto, um uso excessivo dessas formações, principalmente por parte do participante que está com o poder na situação, pode resultar em um efeito “infantilizador”, revelando até falta de respeito e invasividade, como se vê no seguinte exemplo:

- (36)
- Atendente (F) Na mesma linha do nome da senhora na conta. Dentro da conta*  
*Cliente (F) Ah então eu tenho que tirar um (incompreensível). Grampeou aqui. Peraí. ((barulho de pessoas falando)).Olha...*  
*Atendente (F) Sim.*  
*Cliente (F) Aqui. Titular*  
*Atendente (F) Isso. Nessa mesma linha tem um **numerozinho** dentro de um **quadradinho**.*  
*Cliente (F) Número do cliente.*  
*Atendente (F) Isso!*

O exemplo de *numerozinho* nos leva a um ponto que ficou bastante evidente durante a nossa análise de dados: a problemática de categorização das

funções apresentadas pelo diminutivo. Como já sinalizamos, uma abordagem que pretende esgotar o potencial de significação do diminutivo através de classificação de todas as ocorrências em subcategorias bem definidas, estará destinada à multiplicação e rotulação dessas categorias de forma que não tem fim. Por exemplo, no nosso corpus foi possível encontrar casos do diminutivo em um uso previsto por King & Melzi (2004) em espanhol de Peru: trata-se de uma função discursiva de “manter constante o referente” nas trocas de turnos entre os interactantes, como se vê no seguinte exemplo:

- (37)
- |                      |  |
|----------------------|--|
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Ela vai fazer uma tomografia?</i>   |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>É, o médico tá pedindo uma tomografia computadorizada de coluna cervical.</i> |
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Qual a indicação?</i>   |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>A indicação clínica</i>   |
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Hum?</i>  |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>É ele deu um <b>numerozinho</b> aqui.</i>                                     |
| <i>Atendente (M)</i> | <i>Qual é o <b>numerozinho</b>?</i>  |
| <i>Cliente (F)</i>   | <i>Sete dois, três três, dois oito.</i>  |

Essa é uma função que não temos encontrado em tratamentos por outros autores. Para King & Melzi (ibid., p.249-251), trata-se de uma função discursiva para manter o referente constante, ou seja, a imitação da forma diminutiva que foi empregada pelo primeiro interlocutor contribui para a continuação de troca de turnos e a fluidez da conversa, conservando o tópico da conversa e encorajando o interlocutor a elaborá-lo mais. Os autores pesquisaram a imitação das formas diminutivas nos diálogos entre mães e filhos, e concluíram que em 80 % dos casos (167 dos 208 analisados pelos autores), a função apresentada foi a de “manter constante o referente”. A ocorrência dessa função, não prevista em outros tratamentos do diminutivo do nosso conhecimento, testemunha a inconveniência de criação de categorias para todas as possíveis ocorrências: as funções possíveis são tantas que tal categorização dificilmente chegaria a um fim.

Um outro ponto relativo à questão de categorização, evocado pelos dois últimos exemplos com a forma *numerozinho*, é a dificuldade em inferir qual função específica estará em jogo em uma dada situação comunicativa. Como foi observado por Ochs & Schieffelin (1984), entre outros, a mesma construção pode receber sentidos diferentes dependendo das particularidades do contexto

conversacional, e, por isso, estes muitas vezes são impossíveis de serem inferidos com precisão. É por este motivo que consideramos mais interessante trabalhar com categorias mais amplas no âmbito dessa pesquisa: por um lado com o significado semântico de pequeno X, por outro lado, com as funções avaliativas e estratégicas de ordem pragmática.

Veremos, ainda, um uso irônico do diminutivo neste arquivo:

(38)

*Cliente (F) Ah:: porque a menina que falou comigo ↑ é do gás forte e ela quer vender aparelho, e ela falou que eu ia tomar banho frio. Que eu ia tomar banho frio*

*Atendente (F) Se a senhora comprar um de tipo diferente, é lógico é:: claro que não vai dar, (incompreensível)*

*Cliente (F) Quer dizer que eu vou deixar, eu vou deixar, espera aí **filhinha**, um minuto? Eu vou deixar meu aparelho do jeito que tá que eu continuo tomando banho quente até dois mil e quatro, é isso?*

*Atendente (F) Não senhora, não foi isso que eu estou falando, a senhora está compreendendo dessa forma, o que eu estou lhe informando, que a X. GÁS está com um projeto para a troca do tipo de gás até dois mil e quatro, eu não tenho a previsão de quando será feita a troca do seu.*

*Cliente (F) Minha filha ↑ (interrompe) quando é que eu vou ter que trocar o meu pra não tomar banho frio? eu estou aqui, o gás já tá, já tá aqui. A aparelhagem já tá toda cortando a rua ((pigarreia)), a hora que eles acabarem de instalar, eu vou tomar banho frio se eu não trocar o aparelho? É isso?*

Nesse caso, a cliente chama a atendente de *filhinha*, mas em vez de querer se aproximar desta e tornar a situação mais agradável e propício para cooperação, o contexto maior revelou a intenção dela ser o contrário: a cliente está extremamente irritada com a situação e usa esta formação, apenas aparentemente carinhosa, de uma forma irônica.

Por último, temos uma ocorrência diferente de diminutivo em contexto de irritação: no seguinte caso, a forma diminutiva veicula ao mesmo tempo a idéia de redução das dimensões da entidade referida em termos metafóricos, assim como uma noção de atenuação da manifestação da irritação do cliente.

(39)

*Cliente (M) O: Rita, quanto tempo tu acha que vão instalar isso pra mim lá?*

*Atendente (F) Amanhã senhor*

- Cliente (M)* Amanhã a hora, porque eu tenho que estar lá, não tenho que estar lá eu?
- Atendente (F)* É no caso nós não temos horário, seria dentro do horário comercial, de oito às dezoito horas
- Cliente (M)* Então eu tenho que tá lá de oito à dezoito horas eu tenho que tá lá no apartamento
- (...)
- Cliente (M)* Amanhã eu não trabalho então, fico lá no apartamento? ((rindo levemente))
- Atendente (F)* É senhor infelizmente nós não temos como agendar horário. Se o senhor desejar o senhor pode deixar uma outra pessoa
- Cliente (M)* Não tudo bem, mas o problema é que eu não tenho ninguém que possa estar lá amanhã cedo. A parte, depois de onze horas eu posso ficar, à vontade. Será que ele vai chegar antes das onze da manhã, será que tem chance de chegar antes das onze da manhã?
- Atendente (F)*, É no caso seria de oito às dezoito
- Cliente (M)* Tudo bem ((resignadamente)). Eu vou ver o que posso fazer. Eu falto trabalho amanhã, é o jeito.
- (...)
- Atendente (F)*, Pois não senhor José já está agendado para amanhã
- Cliente (M)* Então tá, então amanhã eu vou pra lá na parte da manhã então
- Atendente (F)*, Pois não
- Cliente (M)* Não dá nem pra dar uma **andadinha** na praia, que é longe. Aí não tem como me achar lá. Tá bom menina, por enquanto muito obrigado, tchau
- Atendente (F)*, Por nada a X. GÁS agradece, tenha uma boa tarde

No caso de *andadinha*, trata-se de uma extensão metafórica da diminuição espacial para a dimensão temporal: o diminutivo é usado para diminuir a duração da atividade referida. Uma *andadinha* na praia da qual o cliente fala seria uma andada bem curta, mas nem isso o cliente vai poder fazer já que ele tem que ficar no apartamento esperando a instalação de gás. Na verdade, esse é um dos casos limítrofes entre o que poderia ser analisado em termos dimensionais e em termos pragmáticos: por um lado, a ocorrência pode ser concebida em termos de uma diminuição dimensional, mesmo que esta não se dá em termos concretos. Por outro lado, percebe-se, pelos elementos do cotexto, assim como pelo conhecimento dos fatores contextuais, a irritação do cliente com a situação, apontando para a análise do uso do diminutivo como uma maneira de o cliente reforçar o fato de estar descontente com a situação. Na verdade, já que estamos

tratando de distinção entre os valores semânticos e pragmáticos do diminutivo em termos de um continuum, as ocorrências analisadas nem sempre ficam claramente em um pólo ou outro, mas em algum ponto entre os dois pólos nesse continuum. No caso de “andadinha”, os elementos circundantes apontam para o pólo pragmático: mais ainda, como a praia é longe, a andadinha dificilmente poderia ser de curta duração.

No arquivo “Conversas no serviço de atendimento”, foi possível detectar, entre as 326 ocorrências de diminutivos de bases substantivas, um total de 299 casos atribuíveis ao pólo pragmático. Comparando com os 27 casos do pólo semântico, percebe-se que os usos pragmáticos se demonstraram bem mais freqüentes nessa parte do corpus do que no arquivo “Conversas cariocas”. Em termos porcentuais, trata-se de uma relação de 8,3 % versus 91,7 %: a maioria avassaladora de ocorrências desse sub-corpus se concentra no pólo pragmático<sup>16</sup>.

O resultado se deve, pelo menos parcialmente, à alta freqüência de palavras marcadoras de tempo nesse tipo de diálogo. As formas *minutinho*, *momentinho* e *instantinho* são muito usadas nesse arquivo com o valor de atenuação, aumentando, assim, o número de ocorrências no pólo pragmático, enquanto outras palavras em diminutivo são mais raras. Isso poderia apresentar um problema para uma análise quantitativa, mas não para a nossa proposta. Embora sejam as mesmas ocorrências que se repetem com a função atenuante, isso não altera o fato de se tratar, em todos esses casos, de utilização de uma forma diminutiva para fins pragmáticos e não de diminutivos sinalizando noções relacionadas ao tamanho do referente. Um outro motivo para a diferença no resultado entre esses dois arquivos é sem dúvida o tipo de situações comunicativas e de conteúdo dos diálogos no primeiro arquivo: como vimos, os diálogos do projeto NURC são nitidamente referenciais e envolvem muita designação de objetos, propiciando assim uma saliência maior do pólo semântico.

---

<sup>16</sup> Numa contagem efetuada sem a formação *carteirinha*, essa relação seria 13,8 % versus 86,2 %, sem comprometer a marcadamente maior ênfase do pólo pragmático.

### 4.3.5 Conversas com crianças

O arquivo “Conversas com crianças” é o arquivo que apresentou a maior frequência de formações diminutivas (em relação ao número de palavras dos arquivos). O arquivo consiste de situações de interação entre crianças e falantes adultos, na forma de diálogos e com turnos muitos curtos. Essa parte do corpus merece uma introdução um pouco mais alongada, dado que consiste inteiramente de situações de fala chamadas *diminutivum puerile* (termo introduzido por Staverman, 1953).

A definição de uma situação de fala como *diminutivum puerile* pode ser considerada uma questão de grau. Segundo Dressler & Merlini Barbaresi (1994, p.173-174), são as seguintes quatro dimensões que definem o grau da centralidade do mundo das crianças numa situação de fala:

1. Status hierárquico dos participantes. Geralmente, em termos hierárquicos, as posições de falante e de ouvinte são as posições mais altas, seguidos pelo eventual público maior (*side-participants*), depois por outras pessoas presentes (*bystanders*, *overhearers*). No entanto, nas situações de fala definidas como *diminutivum puerile*, essa hierarquia é um pouco modificada: a primeira posição é ocupada pela criança como ouvinte, a segunda pela criança ou como falante ou como *side-participant*, e a terceira pela criança como referente<sup>17</sup>.
2. O número de posições ocupadas por crianças. Mais posições ocupadas, mais se pode esperar ocorrências do uso do diminutivo. Por outro lado, é sobretudo em situações de fala entre adultos e crianças que as formações diminutivas abundam.
3. A idade da criança. É na idade na qual uma criança adquire a capacidade de usar e processar morfologia de forma produtiva que os diminutivos começam aparecer e abundar na sua fala. Segundo Dressler & Merlini Barbaresi (ibid., p.174), a formação de diminutivos se destaca entre as primeiras operações morfológicas adquiridas pelas crianças.
4. A topicalidade da criança como referente.

<sup>17</sup> Ou seja, a criança como referente é considerada como um participante legítimo. No entanto, como observam Dressler & Merlini Barbaresi (1994, p.182), em uma conversa entre adultos, o simples fato de uma criança ser o *side-participant* da fala não é suficiente para a determinação da situação como *diminutivum puerile*.

Podemos ver que o nosso arquivo chamado “Conversas com crianças” pode ser descrito como inteiramente consistindo da situação de fala características de *diminutivum puerile*: Trata-se de diálogos entre adultos e crianças, e, dado que analisamos apenas a fala dos adultos, o material analisado consiste quase unicamente de casos onde a primeira posição é ocupada pela criança (ou seja, a criança como ouvinte). Em alguns poucos casos, a posição de ouvinte é ocupada por um outro adulto, a criança ocupando nessas situações a posição de referente. A ocorrência de (outras) crianças ocupando a posição de referente é freqüente também na fala dirigida pelas mães às suas filhas. Dado que a fala das crianças não é analisada, o terceiro ponto é de menor relevância para a nossa pesquisa.

Nesse contexto, é interessante observar que Jurafsky (1996, p.542), na sua pesquisa sobre as tendências universais do diminutivo, propõe o conceito [criança] como a “origem” do diminutivo. Segundo o autor, de uma forma *translingüística*, a origem do diminutivo está nas palavras semântica ou pragmaticamente relacionadas a crianças. Para Jurafsky, até o sentido de pequenez, considerado, por muitos outros autores, como o sentido de origem do diminutivo, é apenas uma inferência do fato de os diminutivos terem a sua origem na designação de crianças ou de coisas relacionadas ao mundo infantil. Independentemente se esta hipótese possa se confirmada ou não, é inegável que seja justamente o discurso envolvendo crianças aquele onde as formas diminutivas são as mais abundantes. São principalmente os usos afetivos que sobejam no discurso envolvendo crianças. Novais (2002, p.68) observa que “as crianças são os seres que mais claramente despertam a afeição e o carinho, de modo que há uma tendência natural de se ser terno e carinhoso com elas, e, por analogia, com as crias de outros animais e com as coisas pequenas em geral”. Por isso, observa o autor, “é natural que haja um impulso para expressar carinho não só pelas crianças, mas também por tudo que lhes pertence” (ibid., p.69).

Por outro lado, é fato que no mundo das crianças, praticamente tudo é pequeno em termos dimensionais: as roupas, os sapatos, os móveis e os brinquedos desenhados para imitar objetos do mundo dos adultos na forma miniatura, por exemplo. Desta maneira, poder-se-ia interpretar o uso do diminutivo em referência a esses objetos como casos do diminutivo essencialmente ligado à noção de pequenez. No entanto, a análise das ocorrências

do nosso corpus deixou bem evidente que o uso do diminutivo em situações de fala envolvendo crianças na verdade não parecia ser exatamente ligado a esse valor dimensional: no corpus, ficou impossível observar diferenças significativas entre o uso das formas diminutivas se referindo àqueles objetos do mundo infantil que de fato são pequenos, e o uso das formas diminutivas se referindo aos objetos que são do mesmo tamanho que no mundo dos adultos ou que não aceitam diminuição em termos dimensionais. Observe-se, por exemplo, os seguintes casos:

(40)

MÃE *O quê foi? Machucou a cabecinha? Onde você vai?*

ENY *Intal.*

MÃE *Intal? Você vai passear, ah tá. Dá um beijo na mãe pra você ir passear. (beijo) Hum... Agora pode, calça o **chinelinho**. Cadê o **chinelinho**?*

(41)

MÃE *Ah. O quê é isso aqui? Suco.*

ENY *Suco.*

MÃE *Enya, não faz porcaria no suco não! O quê é isso aqui?*

ENY *Suco.*

MÃE *Suco. Bebe seu **suquinho**. Enya, pára com isso. Gostoso, né? Quer mais?*

No primeiro caso, *chinelinho* de fato deve ser um chinelo pequeno, já que é o chinelo da Eny, uma criança que na época dessa gravação tinha por volta de dois anos. No entanto, esse caso pode ser comparado com *suquinho* do segundo exemplo. *Suco* é um nome massivo, não-contável, e não aceita diminuição de tamanho. Nos dois casos, a mãe está mandando a filha fazer alguma coisa: no primeiro caso, calçar o chinelo, no segundo caso, beber o suco. A função do diminutivo nos dois casos é a mesma: adicionar carinho nos atos de fala diretos dirigidos à filha. No caso do *chinelinho*, mesmo se tratando de um chinelo pequeno de crianças, trata-se, mais do que referência ao tamanho pequeno, de carinho dirigido ao mundo da criança e aos objetos e entidades relacionados a ele, assim como de estratégia de suavização da ordem: a mãe precisa convencer a criança de fazer o que foi pedido, e a diminuição se dá no sentido de o diminutivo tornar “menor” aquilo que está sendo pedido. Esses tipos de casos abundam no arquivo. Às vezes o sufixo *-inho* cai numa palavra base que é passível à redução do tamanho em termos dimensionais, muitas vezes numa palavra base com a qual não há essa possibilidade. Em todos esses casos, foram procuradas todas as pistas

fornechas pelo contexto e pelo cotexto antes da decisão de analisar o caso em questão em termos ou dimensionais ou pragmáticos. Na maioria das vezes, até nos casos aceitando uma diminuição em termos semânticos, uma função de ordem pragmática se manifestou como sendo perfilada naquela situação específica, resultando, desta maneira o tal caso como pertencente ao pólo pragmático na nossa distribuição dos valores semânticos e pragmáticos no continuum entre esses dois pólos.

A partir da evidência do corpus, podemos concordar com a afirmação de Dressler & Merlini Barbaresi (1994, p.147) sobre o *diminutivum puerile* ser essencialmente um tipo de aplicação *pragmática* do diminutivo. Esta interpretação está em concordância também com a análise de Novais (2002, p.71) que observa que na maioria dos casos de *diminutivum puerile*, o sufixo diminutivo, em vez de operar na palavra base, afeta o enunciado inteiro, modificando a sua força ilocutória.

#### 4.3.5.1

#### Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo semântico

Igual ao arquivo “Conversas no serviço de atendimento”, o caráter dialogal e dinâmico deste arquivo fez com que diminutivos analisáveis apenas em termos dimensionais apresentassem uma frequência muito baixa. O arquivo apresentou um total de 687 diminutivos de substantivos, dentre os quais apenas 68 casos podiam ser analisados como veiculando a idéia de pequenez em termos dimensionais. Esse uso foi detectado, por exemplo, nas seguintes bases denotando objetos concretos:

(42)

MÃE *Oh, ali é a piscina, você pode cair, então não pode ir pra lá.*

ENY *Qui.*

MÃE *É, não pode.*

ENY *Bat.*

MÃE *Por isso que o pai fez esse **portãozinho**.*

(43)

AVÓ *O quê você quer? Fala pra vovó o que você quer.*

ENY *Tompi.*

AVÓ *Hum, quer a **tampinha**.*

ENY *Tá.*

AVÓ *Quer a **tampinha**, aquilo ali? Cadê a **tampinha**? A **tampinha** da pomada?*

No primeiro caso, temos a palavra *portão* na sua forma diminutiva, *portãozinho*. Trata-se de um portão de fato pequeno, no jardim da casa da Eny, com a função de evitar que a criança caia na piscina. Não é um portão grande do tipo que poderia ter na entrada do terreno ou em um prédio. É um portão pequeno, feito pelas próprias mãos do pai da Eny.

No segundo caso, temos a palavra *tampa* na sua forma diminutiva, *tampinha*. Como se trata da tampa de pomada, o objeto em questão é de fato pequeno. No entanto, é claro que poderíamos interpretar esse caso como uma manifestação pragmática de *diminutivum puerile* expressando carinho já que é a avó que está falando com a neta e repete várias vezes a palavra *tampinha*. Contudo, não vemos nessa particular situação de fala índices de uma manifestação de carinho maior do que no caso de *portãozinho* e concluímos que o que prevalece nesse caso é mesmo a idéia de pequenez do objeto referido.

Nos seguintes casos, temos a forma diminutiva da palavra base indicando um tipo específico do objeto referido, que, no entanto, não chega a constituir um caso do processo de denominação de objetos distintos da palavra base. A *bolinha* da árvore de Natal é uma bola bem pequena, assim como a *bolsinha* de batom é uma bolsa em miniatura.

(44)

MÃE *Tá mexendo na **bolinha** da árvore de Natal. Toma o Papai Noel. Chama ele.*

ENY *Noel.*

AVÓ *Não mexe, senão o Papai Noel não traz presente.*

(45)

MÃE *Aonde você vai, vai sair de novo? O quê é isso, Enya? É a **bolsinha** de batom. Você quer passar batom?*

ENY *Quer.*

(...)

ENY *Me dá.*

MÃE *Que me dá, vai fechar, você já não passou batom?*

ENY *Batom.*

MÃE *Pode fechar a boca, Enya, não precisa ficar com a boca aberta não, deixa eu ver. Enya, vem cá, não vai abrir a **bolsinha** não, mamãe já passou, Enya.*

ENY *Mais.*

Nesse arquivo, temos também bastantes casos de referência a imagens de animais ou flores estampadas nas roupas infantis, como no exemplo a seguir:

(46)

*JÉS A Baby. Fora.*

*MÃE A Baby que arrancou?*

*JÉS Não Baby.*

*MÃE Foi quem?*

*JÉS Foi vovô.*

*MÃE Vovô que arrancou a **florzinha** do tênis da Jéssica Ah, eu vou brigar com esse vovô. E você deixou?*

Dado que se trata de uma imagem estampada no tênis esta flor particular é bem pequena. Além de *florzinha*, palavra que se repete no contexto de desenhos nas roupas, o corpus apresenta ocorrências similares com as palavras *gatinho*, *peixinho*, *abelhinha*, *borboletinha*, *coraçõzinho*, entre outras.

#### 4.3.5.2

#### Exemplos de ocorrências analisáveis no pólo pragmático

No arquivo “Conversas com crianças”, igualmente aos outros dois arquivos já apresentados, a grande maioria das ocorrências diminutivas não podiam ser analisadas como fazendo primariamente referência ao tamanho das entidades referidas. De novo, esse fato fica especialmente evidente com as palavras base que não aceitam diminuição dimensional. O arquivo apresentou vários casos deste tipo, por exemplo:

(47)

*MÃE Cadê a tia Ledinha?*

*JES Oi, tia Ledinha.*

*MÃE E o papai?*

*JES Alô, papai, alô.*

*MÃE Quantos **aninhos** tem a Jéssica?*

*JES Dois.*

(48)

*MÃE Quem deu a Minie?*

*JÉS Deu a cola, papel. Aqui bota cola aqui oh! Aí um bicha, um bicho, um bicho.*

*MÃE Aonde? Tem **solzinho**, **solzinho** bom.*

*JÉS Tá mordendo.*

*MÃE Aonde?*

*JÉS Um bicho.*

(49)

*JÉS Não, mosquito. A mamãe tá te espelando. Tô machucado.**MÃE Tá, deixa ele aí e vamos passar **creminho**, vem.**JÉS Sajar toda de creme.**MÃE De **creminho**. Então vem passar o **creminho**. Vem, deita aqui.*

Em *aninhos*, temos uma palavra base denotando medidas exatas, sem possibilidade de variação quantitativa. Trata-se de um uso “clássico” de *diminutivum puerile*: afetividade do falante dirigida à criança que ocupa o papel de ouvinte na situação de comunicação. O que prevalece na relação mãe-filho é carinho, e o diminutivo está sendo usado para salientar esse aspecto da relação.

Em *solzinho*, o referente da palavra base tampouco aceita algum tipo de diminuição dimensional. A referência é feita à agradabilidade do sol, fazendo com que essa ocorrência se encaixe no grupo dos diminutivos avaliativos. Seria até possível enxergar uma leve alusão ao tamanho pequeno em termos metafóricos ou metonímicos dado que é possível que se trate de um calor de sol fraco, mas antes do que isso, esta ocorrência manifesta o diminutivo na sua função de avaliação positiva pela falante, salientando a apreciação do falante pelo objeto referido. A co-ocorrência do reiterador de apreciação *bom* fortalece essa interpretação.

Por fim, *creme* é um nome massivo não-contável e não aceita diminuição, pelo menos em termos concretos. Em alguns casos, poder-se-ia até conceber um uso do diminutivo com a idéia de redução de quantidade do material em questão, mas nesse exemplo, que se mostrou bastante típico e freqüente no nosso arquivo, não foi possível detectar esse tipo de valor. O que há em questão é um uso afetivo pela parte da mãe, com o objetivo de criar uma situação agradável para que a filha a deixe passar o creme, uma rotina que ocorre diariamente.

Os nomes de parentesco formam um grupo de palavras na qual a dimensão pragmática do diminutivo se manifesta de forma especialmente clara. Nesse arquivo, há bastantes ocorrências de nomes de parentesco em diminutivo, por exemplo: *mãezinha*, *mamãezinha*, *papaizinho*, *voinho*, *vovozinho*, *priminho*, *irmãzinha*. Observe, por exemplo, o seguinte caso:

(50)

*MÃE Que que foi ? Tá errada, tá de lado, bota. Quem que te deu esta bolsa?**JÉS Foi papai.**MÃE Foi mamãe!*

*JÉS Não foi.*  
*MÃE Foi, comprei pra Jéssica.*  
*JÉS Foi papai.*  
*MAE Não foi mamãe, não? Hum, hein, não foi **mãezinha** não que comprou não? Fala Jéssica.*

É evidente que a referência não está sendo feita ao tamanho da mãe, mas a função do diminutivo é dar ênfase para a relação de afeto entre a mãe e a filha, fazendo com que esses casos sejam atribuídos para o pólo pragmático. Observa-se que a mãe alterna na sua fala entre as formas *mamãe* e *mãezinha*: a forma diminutiva é usada por último, com a função enfática: a filha ignora o fato de ter sido a mãe que comprou a bolsa para ela, e a mãe insiste em fazê-la lembrar disso: foi a *mãezinha*, tão amável e carinhosa, que a presenteou com a bolsa, e não o pai, como insiste a filha. O diminutivo apresenta, ao mesmo tempo, uma função avaliativa e estratégica.

No arquivo, palavras ligadas à roupa infantil abundam: são mais de 100 ocorrências só de vestuário infantil, assim como dezenas de palavras denotando brinquedos, moveis e outros objetos ligados ao mundo das crianças. Muitas vezes, essas palavras ocorrem em diminutivo: No arquivo, houve vários casos de, por exemplo, *blusinha*, *camisetinha*, *sandalinha*, *chinelinho*, *sapatinho*, *vestidinho*, *meinha*, etc. para roupas infantis, e *brinquedinho*, *bolinha*, *bonequinha*, *casinha*, *caminha*, etc. para outros objetos ligados ao mundo infantil. No entanto, como se vê pelos seguintes exemplos, mais do que salientar a pequenez das peças e objetos em questão, a escolha da forma diminutiva parece estar ligada a outras funções:

(51)  
*MÃE Então vamos, obrigada. Quer botar uma camisetinha ou quer ficar assim mesmo?*  
*JES Quer escolher.*  
*MÃE Mas escolhe camiseta, não escolhe blusa de **manguinha** não, ta bom.*  
*JÉS Quer vestido.*  
*MÃE Mas vestido você não tem. Devagar com essa gaveta. Quer botar essa aí que você gosta? Essa aqui, oh? Olha a de florzinha que você gosta tanto. Ó nem, olha essa aqui, hum? Essa aqui é bonita também, camisetinha.*  
*JÉS Vou botar.*

(52)  
*ENY (risos) Manga.*  
*MÃE O quê?*

ENY *Manga, manguinha.*  
 MÃE *Ah, de manga, blusa de manga. É isso que você tá falando?*  
 ENY *Papai do céu e mamãe.*  
 MÃE *Mamãe é papai do céu?*  
 ENY *Não, papai do céu e mamãe.*  
 MÃE *Hum.*  
 ENY *Mamãe.*  
 MÃE *Você tá com o nariz entupidinho, né? Menina!*  
 ENY *Ai, ai.*  
 MÃE *Você vai puxar a manga?*  
 ENY *É.*  
 MÃE *Mas ué, ela é **manguinha** comprida. Deixa assim, tá bom. Deixa assim, tá.bom. Tá bonita!*

No primeiro exemplo, a mãe usa a forma diminutiva de *manga* em “blusa de manguinha”. As mangas da blusa da filha sem dúvida são “pequenas”, assim como as blusas e as camisetas dela. No entanto, pelo segundo exemplo se vê claramente que a função do diminutivo *manguinha* é outra: em termos dimensionais, uma blusa de “manguinha comprida” seria um oxímoro: a manga seria ao mesmo tempo pequena e comprida? Pela incompatibilidade da semântica da palavra base e da idéia da diminuição dela, assim como pela frequência das formações diminutivas nesses dois trechos de conversa (observa-se um número de outras formações em diminutivo nesses exemplos: *camisetinha*, *florzinha*, *entupidinho*), pode-se chegar à conclusão que a função perfilada do diminutivo é, mais uma vez, a função pragmática. Apesar da co-ocorrência da idéia de pequenez, praticamente onipresente no mundo infantil, o mecanismo de perfilamento possibilita o destaque para os valores de afetividade e subjetividade nos contextos interativos entre adultos e crianças.

Observa-se, nos seguintes dois exemplos, como a mesma forma diminutiva pode ser usada em referência tanto aos objetos de fato pequenos como aos objetos de tamanho normal:

(53)

MÃE *Deita aqui, Jéssica, pra mudar a roupa, pra ir pra **caminha** de roupa quentinha, hein?*  
 JES *(chora).*  
 MÃE *O que que foi? Deita pra lá.*

(54)

MÃE *Oba, bota a mamãe pra dormir.*  
 JÉS *Vai pra caminha.*  
 MÃE *Ih, eu não posso ir pra **caminha** não, eu tenho que trabalhar,*

*Jéssica. Tá,bom, depois a gente brinca mais, tá bom?*

No primeiro exemplo, a mãe usa a forma diminutiva de *cama* quando tenta convencer a filha a se preparar para dormir. A referência é feita à cama da filha, sem dúvida, pequena em tamanho. No entanto, no segundo exemplo, o objeto referido pela palavra *cama* é a cama da mãe e não da filha, mesmo assim, esta se encontra em diminutivo. Isso mostra como o diminutivo é essencialmente um instrumento de tornar mais carinhosas e íntimas as situações de fala envolvendo crianças: o *landing-site* do sufixo *-inho* varia muito: às vezes o sufixo diminutivo cai numa palavra cuja diminuição de fato faz sentido, mas muitas vezes encontram-se formas diminutivas que não fariam sentido em termos de uma tentativa de interpretação dimensional. A partir disso, pode-se concluir que a escolha da palavra que é transformada em diminutivo parece não ter muito a ver com a possibilidade ou não de diminuição do referente. O que importa é que a situação de comunicação transborde afetividade quando temos uma situação de fala característica de *diminutivum puerile*.

Um outro grupo de palavras que aparece com freqüência na forma diminutiva no arquivo são os termos ligados ao corpo da criança ou às partes dele: palavras como *bracinho*, *cabelinho*, *olhinho*, *boquinha*, *dedinho*, *cabecinha* e *barriguinha* abundam no arquivo, por exemplo:

(55)

MÃE *Caiu, caiu de novo a bola.*

ENY *(risos)*

MÃE *Ah, machucou? Ah, vou dar um beijinho, então, vem cá, meu amor; tem que ter cuidado pra não bater com a **cabecinha** assim...*

ENY *Pá. [parede]*

MÃE *Foi na parede.*

ENY *Rede. [parede]*

MÃE *Na parede, né? Quê que é isso aqui? Bateu na parede o quê, a cabeça? Então fala cabeça. Fala assim: minha cabeça bateu na parede. Fala.*

Nesse trecho, temos a mãe usando a palavra *cabeça* tanto na forma base como na forma diminutiva. O uso da forma diminutiva é claramente afetivo: ele ocorre quando a mãe percebe que a criança bateu com a cabeça. Ela a chama para receber um beijo para a dor passar logo e usa formas diminutivas tanto para *beijo* como para *cabeça*. No entanto, logo depois, ela volta a usar a forma base, quando

o pior já passou e há espaço para conversar sobre o ocorrido. De novo, não há variação semântica entre as duas formas: a única diferença entre as formas *cabeça* e *cabecinha* se dá na dimensão pragmática.

Como vimos já nos primeiros exemplos desse arquivo, também as palavras ligadas à comida se apresentam freqüentemente em diminutivo. As formações como *leitinho*, *suquinho*, *carninha*, *arrozinho*, *franguinho*, *balinha* ocorrem com freqüência nesse sub-parte do corpus. Como são, na maioria das vezes, nomes massivos, ou seja, palavras não contáveis, e, até quando são contáveis, se apresentam na verdade em tamanho normal, não temos outra opção para estas ocorrências a não ser uma interpretação de ordem pragmática. A seguir, um exemplo de um termo culinário não-contável e outro de um termo culinário contável:

(56)

MÃE *Ê sono, heim?! Oi?*

ENY *Ô, ô.*

MÃE *Oi? Senta aqui na sua cadeirinha pra tomar café com mamãe. Oh, seu **leitinho** tá aqui. Eu vou beber tudo então. Vem cá, posso beber o leite? Enya, posso oh?*

ENY *Que [quer] bebe não.*

(57)

ENY *Caiu.*

MÃE *Caiu a comidinha. Você tá papando, amor? Olha aqui **ovinho**, olha. Que gostoso, humm... Quê que é isso que você tá comendo?*

ENY *Quião [macarrão]*

MÃE *Macarrão? É? Tá gostoso, só o macarrão?*

No primeiro exemplo, a palavra base aparece tanto na sua forma básica como na forma diminutiva. Além das outras pistas, esse fato também indica um valor pragmático envolvido: quando as bases normais e as suas formas diminutivas se alternam de forma intercambiável, i.e., sem distinção semântica, uma função pragmática estará presente, a menos que a forma diminutiva seja lexicalizada. Nesse caso particular, a função de ordem não-dimensional é obrigatoriamente presente, dado que a palavra base é um nome massivo. A forma *leitinho* é usada para veicular um tom de carinho na interação entre a mãe e a filha.

No segundo exemplo, a mãe está usando a forma diminutiva do *ovo*. Teoricamente, até se poderia tratar de um ovo de fato pequeno, escolhido para o prato da criança. No entanto, o contexto revela que este não é o caso: trata-se de um ovo de galinha normal que, mesmo que esteja no prato da criança, dificilmente seja de tamanho menor do que um ovo no prato da mãe, por exemplo. Apesar de se tratar de uma palavra não massiva, teoricamente passível à diminuição dimensional, o caso é comparável aos casos de *suquinho*, *leitinho*, *yogurtinho* etc., abundantes no arquivo.

Em vários exemplos citados, não só as palavras em foco, mas outros termos também se apresentam em diminutivo: por exemplo, no exemplo (57), a palavra *comidinha*. De fato, o sufixo *-inho* se adiciona às mais variadas bases quando se trata de *diminutivum puerile*. As palavras ligadas ao mundo infantil em geral, principalmente aquelas designando roupas, brinquedos, parentesco, partes de corpo e comida, parecem se apresentar como as bases mais suscetíveis para a adição do sufixo diminutivo. No entanto, o nosso corpus mostrou que isso não tem necessariamente a ver com o tamanho desses objetos e entidades, apesar de pertencerem ao mundo infantil. Pelo contrário, quando se trata do universo infantil e da interação entre os adultos e as crianças dentro dela, o que prevalece é o ambiente de carinho e ternura. E o diminutivo se mostra um instrumento bem poderoso para cumprir o papel de injetar essa afetividade para as situações de fala envolvendo crianças.

Observaremos, por fim, mais um tipo de uso pragmático do diminutivo encontrado nesse arquivo:

(58)

ENY *Poeira!*

MÃE *Poeira! Levantou poeira! Quem inventou essa música?*

ENY *Eu canto.*

MÃE *Você canta?*

ENY *É.*

MÃE *Qual o nome da moça que canta?*

ENY *Num cá, num gato ô ô ô.*

MÃE *Quê que é isso, você tá nervosa?*

ENY *Tou nervosa não.*

MÃE *Tá nervosa não?*

ENY *Ivete Sagalo [Sangalo] (risos)*

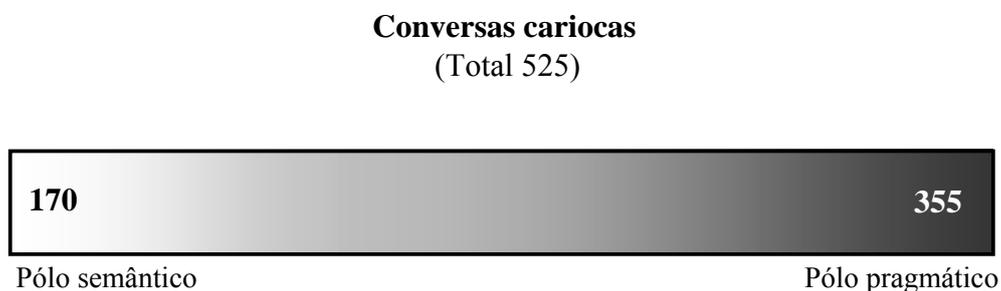
MÃE *Ah, viu, você já sabia! Vovó só deu uma **colinha** de leve.*

A forma *colinha* é usada para atenuar o impacto de uma coisa negativa. O ato de colar (em provas etc.) é um ato geralmente considerado errado do ponto de vista de normas de sociedade. Nesse caso, temos o substantivo *cola* da expressão *dar uma cola* em diminutivo, com a função de deixar bem claro que essa palavra está sendo usada como uma brincadeira. A “diminuição” se dá então no nível de impacto causada pela palavra com conotações negativas, e o diminutivo assume a função de atenuação da carga negativa da palavra base.

No arquivo “Conversas com crianças”, um total de 619 casos atribuíveis para o pólo pragmático foi detectado. Comparando com os 68 casos do pólo semântico, percebe-se que os usos pragmáticos se demonstraram bem mais freqüentes do que no arquivo “Conversas cariocas”, mas um pouco menos freqüentes que no arquivo “Conversas no serviço de atendimento”. Em termos percentuais, trata-se de uma relação 9,9 % versus 90,1%.

#### 4.3.6 Apresentação dos resultados da análise do corpus

Na nossa distribuição dos exemplos dos três sub-corpora segundo a possibilidade de análise no plano semântico versus o plano pragmático, o pólo pragmático foi o mais relevante em todos os três arquivos. Uma representação visual dos resultados nos três arquivos, assim como dos resultados do corpus como um todo, é apresentada nas figuras a seguir.



**Figura 1:** Distribuição das ocorrências do diminutivo no arquivo “Conversas cariocas”

**Conversas no serviço de atendimento**  
(Total 326)



**Figura 2:** Distribuição das ocorrências do diminutivo no arquivo “Conversas no serviço de atendimento”

**Conversas com crianças**  
(Total 687)



**Figura 3:** Distribuição das ocorrências do diminutivo no arquivo “Conversas com crianças”

Juntando os três sub-corpora, podemos observar o seguinte: O corpus como um todo apresentou 1538 ocorrências de diminutivos substantivais. Desse total, encontramos 265 ocorrências que poderiam ser atribuídas ao plano semântico nos termos apresentados no capítulo 2.2. Esse número representa 17,2 % das ocorrências diminutivas no corpus. No resto dos casos, ou seja, num total de 1273 ocorrências, uma função de ordem pragmática foi considerada como prevalecte. Esses casos, atribuídos ao pólo pragmático no continuum, representam 82,8 % do total das ocorrências.

**Corpus inteiro**  
(Total 1538)



**Figura 4:** Distribuição das ocorrências do diminutivo no corpus como um todo

O número reduzido de ocorrências apresentando a função de redução das dimensões do referente reforça de modo significativo a nossa hipótese sobre a relevância maior da dimensão pragmática no caso do diminutivo em português do Brasil. A diferença entre as porcentagens é marcante: as ocorrências analisáveis no plano semântico representam apenas 17,2 % do total de ocorrências do diminutivo no nosso corpus, em contraste aos restantes 82,8 %, em que uma função de caráter pragmático pôde ser identificada.

Como vimos no capítulo 2, em português, o protótipo do diminutivo é normalmente concebido nos seguintes termos: trata-se da adição do sufixo *-inho* a um substantivo concreto X, com o significado resultante de “pequeno X”. Desde o início, nós concordamos com a prototipicalidade das bases nominais e do sufixo *-inho* como os elementos formativos desse processo morfológico, e é por isso que decidimos incluir na nossa pesquisa apenas as ocorrências mais prototípicas do processo. No entanto, a partir dos nossos resultados, não temos como concordar com a prototipicalidade da noção de “pequeno X” como o significado mais representativo desse processo. Afirmamos que essa noção é prototípica apenas no imaginário coletivo e fica reforçada pela repetição dos conceitos herdados das propostas anteriores, sem a revisão dos fatos. Estas noções tradicionais são veiculadas nas Gramáticas normativas, de modo que todos os falantes escolarizados acabam tendo uma concepção incubada. No entanto, os resultados da análise do corpus contestam dramaticamente a análise tradicional do diminutivo no português do Brasil, já que manifestaram sobretudo significados e funções que vão muito além da noção dimensional.